

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**MATEUS FRANCISCO LOPES**

**ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA-SP:  
DA ASCENSÃO DA DÉCADA DE 1940 AO DECLÍNIO NO SÉCULO XXI**

**ALFENAS/MG**

**2024**

**MATEUS FRANCISCO LOPES**

**ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA-SP:  
DA ASCENSÃO DA DÉCADA DE 1940 AO DECLÍNIO NO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Análise sócio-espacial e ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves  
Coorientador: Prof. Dr. Roberto Mauro da Silva  
Fernandes

**ALFENAS/MG**

**2024**

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca Unidade Educacional Santa Clara

Lopes, Mateus Francisco.

Estrutura e Organização da Indústria Calçadista de Franca - SP: Da  
Ascensão da Década de 1940 ao Declínio no Século XXI / Mateus Francisco  
Lopes. - Alfenas, MG, 2024.

89 f. : il. -

Orientador(a): Flamarion Dutra Alves.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas,  
Alfenas, MG, 2024.

Bibliografia.

1. Indústria Calçadista. 2. Franca - SP. 3. Desindustrialização. I. Alves,  
Flamarion Dutra, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

MATEUS FRANCISCO LOPES

**ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA – SP: DA ASCENÇÃO DA DÉCADA DE 1940 AO DECLÍNIO NO SÉCULO XXI**

O Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Análise sócio-espacial e ambiental.

Aprovada em: 22 de abril de 2024.

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves Presidente da Banca Examinadora  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Prof. Dr. Roberto Mauro da Silva  
Fernandes Coorientador  
Instituição: Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Prof. Dr. Marcos Kazuo Matushima  
Instituição: Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM/MG

Prof. Dr. Alexandre Carvalho de Andrade  
Instituição: IFSULDEMINAS – Poços de CaldasMG



Documento assinado eletronicamente por **Flamarion Dutra Alves, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/04/2024, às 16:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_exte\\_rno=0](https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_exte_rno=0), informando o código verificador **1229667** e o código CRC **D6ED684E**.

---

## **AGRADECIMENTOS**

São inúmeras pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

Não teria sido possível percorrer essa trajetória como pesquisador iniciante sem a orientação e o apoio do Professor Doutor Flamarion Dutra Alves. Durante o meu mestrado em Geografia, ele não apenas me mostrou o caminho a seguir, mas também caminhou ao meu lado. Agradeço profundamente pela parceria, pelos ensinamentos, pela paciência e pela forma como exerce autoridade sem ser autoritário. Ter um professor-orientador como o Flamarion Dutra Alves é, sem dúvida, um privilégio.

Durante a qualificação deste trabalho, tive a oportunidade de obter sugestões e comentários de dois professores extremamente generosos e educados, os Professores Doutores Alexandre Carvalho de Andrade e Auro Aparecido Mendes. Só tenho a agradecer-los pela contribuição que representou para a finalização da minha dissertação, com suas sugestões de referências bibliográficas e um novo olhar para a pesquisa que eu estava realizando.

Agradeço aos professores doutores Alexandre Carvalho de Andrade e Marcos Kazuo Matushima pela generosidade durante a defesa dessa dissertação.

Quero expressar minha gratidão a todos os professores que cruzaram meu caminho durante minha jornada como estudante. Eles não apenas contribuíram para o meu crescimento humano e profissional, mas também deixaram marcas profundas de ensinamentos. Além disso, mostraram que ser professor vai muito além do ato de ensinar.

Agradeço imensamente a minha esposa, aos meus pais e aos meus irmãos, por todo o apoio que ofereceram a mim. Angélica, minha esposa, parceira de vida, incentivadora e também preocupada com os meus prazos, esteve o tempo todo, no decorrer da pesquisa, apoiando-me. Neide e José, meus pais, meu porto seguro, que sempre apoiaram meus estudos. Lívia e Vinícius, meus irmãos, que me sempre dividiram comigo as aventuras da vida.

Por último, mas não menos importante, expesso minha gratidão aos meus alunos, que fazem parte da minha vida há alguns anos e a tornam mais significativa.

## RESUMO

Por meio desta pesquisa propõe-se um estudo sobre o processo de desenvolvimento da indústria calçadista no município de Franca-SP, durante o período de 2010-2021. Como objetivo geral, pretende-se analisar a estrutura e organização do setor calçadista no município de Franca, considerando o desenvolvimento industrial no início do século XXI. O município de Franca-SP destaca-se, desde a metade do século XX, na produção calçadista no estado de São Paulo. Nos anos 2000, o Polo Calçadista de Franca correspondia a 6% da produção nacional e a 3% das exportações da produção de calçados de couro masculino, sendo o segundo polo em importância de produção de calçados no país. A partir de 2010, o setor calçadista de Franca insere-se em uma nova tendência, com diferenciação de sua produção por meio de investimento em inovação e em design próprio, aumentando o valor agregado do produto final, além de investimento em estratégias de marketing, a fim de alcançar novos mercados consumidores. Metodologicamente, esta investigação prevê levantamento bibliográfico e análise de dados dos relatórios – CAGED, COMEX STAT e SINDIFRANCA. Assim, busca-se entender, por meio dos objetivos específicos, como foi a participação da indústria calçadista de Franca no início do século XXI e a ocorrência do processo de desindustrialização dessa indústria.

Palavras-chave: Indústria Calçadista; Franca-SP; Desindustrialização.

## **ABSTRACT**

This research proposes a study on the development process of the footwear industry in the municipality of Franca-SP during the period from 2010 to 2021. The general objective is to analyze the structure and organization of the footwear sector in Franca, considering industrial development at the beginning of the 21st century. The municipality of Franca-SP has stood out since the mid-20th century in the production of footwear in the state of São Paulo. In the 2000s, the Franca Footwear Hub accounted for 6% of national production and 3% of the exports of men's leather shoes, being the second most important footwear production hub in the country. Since 2010, the Franca footwear sector has entered a new trend, differentiating its production through investments in innovation and own design, increasing the added value of the final product, in addition to investing in marketing strategies to reach new consumer markets. Methodologically, this investigation involves a bibliographic survey and data analysis from reports – CAGED, COMEX STAT, and SINDIFRANCA. Thus, it seeks to understand, through specific objectives, the participation of Franca's footwear industry at the beginning of the 21st century and the occurrence of the deindustrialization process in this industry.

Keywords: Footwear Industry; Franca-SP; Deindustrialization.

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do Município de Franca-SP .....	13
Mapa 2 – Localização da Estrada de Goiás “Estrada dos Goyazes” cortando o povoado que originou o Município de Franca .....	19
Mapa 3 – Destino das Exportações do Município de Franca, 2023.....	77

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução populacional no município de Franca (1970–2010).....	14
Tabela 2 – Importações, setor de calçado, 1990-2000 .....	42
Tabela 3 – Total de indústrias no município de Franca e representação das indústrias calçadistas .....	61
Tabela 4 – Evolução das Exportações de Calçados, Couro e Café em Franca-SP, 2010-2023 .....	62
Tabela 5 – Salário médio mensal na indústria, indústria calçadista e média municipal em Franca, 2010-2021 .....	68
Tabela 6 – Dados Admissões e Demissões em Franca-SP – Setor Calçadista (2013-2021) .....	69
Tabela 7 – Produção Anual de Calçados de Franca (em milhões de pares) .....	71
Tabela 8 – Produto Interno Bruto e setores da economia em Franca, 2010- 2021.....	72

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Produto Interno Bruto e participação dos setores na economia de Franca, 2002-2019.....	14
Quadro 2 – Número de indústrias calçadistas e operários em Franca no período de 1910-1937 .....	31
Quadro 3 – Síntese das perspectivas sobre o fenômeno de desindustrialização no Brasil .....	52

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Café embarcado na Estação Ferroviária Franca da Mogiana (1888-1917).....	22
Gráfico 2 – Gêneros Alimentícios embarcados na Estação Franca da Mogiana 1888-1917 (incluindo café).....	23
Gráfico 3 – Capital inicial das empresas calçadistas registradas entre 1900 e 1960.....	32
Gráfico 4 – Destinação da produção da indústria calçadista de Franca (em milhões de pares).....	41
Gráfico 5 – Evolução do valor das exportações de calçados realizadas no período de 1900-2000 (em milhões de dólares).....	45
Gráfico 6 – Evolução do volume das exportações de calçados realizadas no período de 1990-2000 (em milhões de pares).....	45
Gráfico 7 – Evolução do volume de vendas no mercado interno realizadas no período de 1984 – 2000 (em milhões de pares).....	46
Gráfico 8 – Evolução das Exportações de Calçados, Couro e Café em Franca-SP, 2010-2023.....	63
Gráfico 9 – Total de empresas e indústrias calçadistas em Franca, 2006- 2021.....	65
Gráfico 10 – Pessoal ocupado na indústria calçadista em Franca, 2006-2021.....	66
Gráfico 11 – Pessoal assalariado na indústria calçadista em Franca, 2006- 2021.....	67
Gráfico 12 – Porcentagem da Indústria no PIB em Franca, 2010-2021.....	70
Gráfico 13 – Exportações de café em Franca, 2010-2023 (US\$).....	74
Gráfico 14 – Comparação das exportações de calçados, couro e café em Franca, 2010-2016-2023.....	75
Gráfico 15 – Exportações de calçado, couro e café e total em Franca, 2010- 2023.....	76

## LISTA DE SIGLAS

BIRD	Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COMEX STAT	Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Brasil
FMI	Fundo Monetário Internacional
FRANCAL	Feira do Calçado e Couro de Franca
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INPI	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
IPT	Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo
MDIC	Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
PIB	Produto Interno Bruto
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SENAI	Serviço Nacional Indústria
SIDRA	Sistema de Recuperação Automática
SINDIFRANCA	Sindicato da Indústria de Calçados de Franca
SIRGAS	Sistema de Referência Geocêntrico para a América do Sul
SRC	Sistema de Referência de Coordenadas

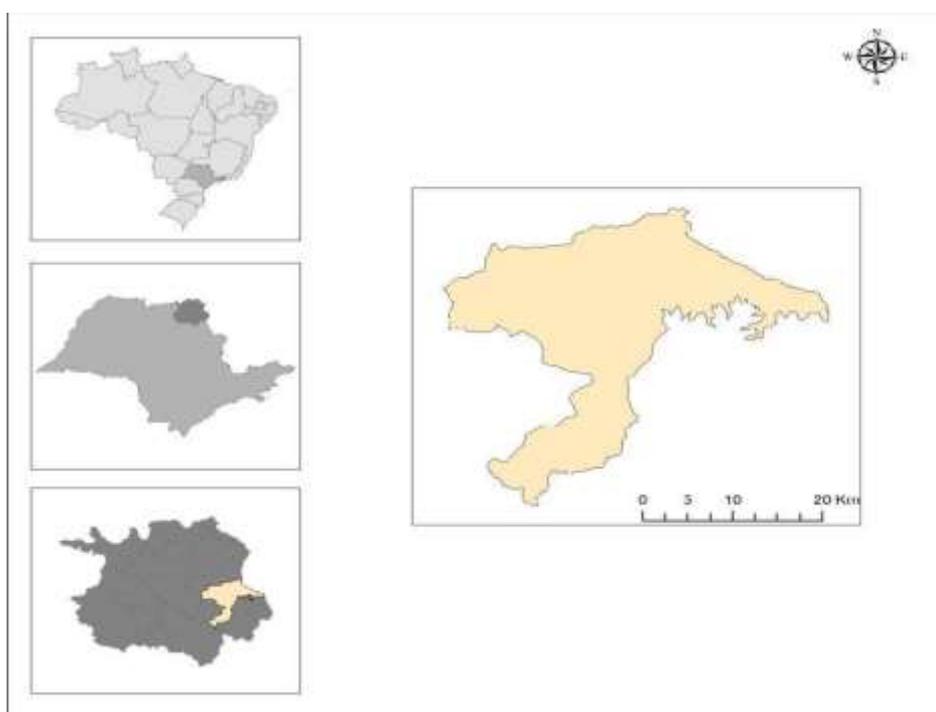
## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1	OBJETIVOS.....	18
1.1.1	Objetivo Geral.....	18
1.1.2	Objetivos Específicos .....	18
<b>2</b>	<b>A INDÚSTRIA CALÇADISTA EM FRANCA: FORMAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DO SETOR CAFEIEIRO E DA INDÚSTRIA CALÇADISTA ..</b>	<b>19</b>
2.1	A CONSOLIDAÇÃO ECONÔMICA DA INDÚSTRIA CALÇADISTA EM FRANCA: ANÁLISE DO PERÍODO DE 1950-2000 .....	34
<b>3</b>	<b>DESINDUSTRIALIZAÇÃO: DEFINIÇÕES .....</b>	<b>47</b>
3.1	O PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRO .....	51
3.2	DESINDUSTRIALIZAÇÃO EM FRANCA.....	60
<b>4</b>	<b>O DECLÍNIO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA .....</b>	<b>65</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O município de Franca localiza-se no interior do estado de São Paulo, sede da microrregião de Franca, em 20°32'19" de latitude sul e 47°24'03" de longitude oeste, a uma altitude de 1.040 metros, na região nordeste do estado de São Paulo. O município de Franca é sede da 14ª Região Administrativa do estado de São Paulo (Mapa 1).

Mapa 1 – Localização do Município de Franca-SP



Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, a partir da Base Cartográfica e arquivos vetoriais - Sistema de Referência de Coordenadas (SRC) - Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas (SIRGAS) – (Datum: refere à superfície de referência usada para definir as altitudes de pontos da superfície terrestre) – (IBGE, 2000).

Esse município possui alcance espacial de influência de até 60 km, nos municípios de Cristais Paulista, Itirapuã, Jeriquara, Patrocínio Paulista, Pedregulho, Restinga, Ribeirão Corrente, Rifaina e São José da Bela Vista, localizados no estado de São Paulo, e nos municípios de Cássia, Capetinga, Claraval, Ibiraci e São Tomás de Aquino, localizados no estado de Minas Gerais. Conforme última classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre as Regiões de Influência, Franca é considerada uma Capital Regional C (IBGE, 2018).

O município de Franca vem apresentando significativo aumento

populacional ao longo das últimas décadas (Tabela 1).

Tabela 1 – Evolução populacional no município de Franca (1970– 2010)

Situação do domicílio	Ano				
	1970	1980	1991	2000	2010
Urbana	86.868	144.091	227.854	282.203	313.046
Rural	6.770	4.899	5.244	5.534	5.594
<b>Total</b>	<b>93.638</b>	<b>148.990</b>	<b>233.098</b>	<b>287.737</b>	<b>318.640</b>

Fonte: Elaborada por Mateus Francisco Lopes, com dados dos Censos Demográficos do IBGE (1970, 1980, 1991, 2000, 2010). (IBGE, 2022a).

Quadro 1 – Produto Interno Bruto e participação dos setores na economia de Franca, 2002-2019

Ano	PIB Total	Agropecuária	Indústria	Serviços	Administração pública
2002	2.127.823	1,25	26,75	56,06	15,94
2003	2.383.012	0,87	28,83	54,39	15,92
2004	2.715.053	1,12	31,51	52,24	15,14
2005	3.039.676	0,84	29,52	54,34	15,31
2006	3.265.860	1,36	26,66	56,35	15,62
2007	3.509.131	1,34	24,07	57,41	17,18
2008	3.784.439	1,18	22,58	58,83	17,41
2009	4.162.353	0,55	22,2	58,55	18,69
2010	5.056.918	1,37	24,29	59,07	15,28
2011	5.893.434	0,72	26,14	58,88	14,26
2012	6.650.297	0,74	24,98	60,55	13,74
2013	7.400.741	0,6	23,49	61,63	14,28
2014	8.075.256	0,84	21,79	63,75	13,61
2015	9.260.257	0,5	29,55	57,26	12,68
2016	8.903.408	0,94	20,9	64,48	13,68
2017	9.348.513	0,59	20,13	65,45	13,83
2018	9.992.413	0,93	19,46	66,08	13,52
2019	10.167.369	0,82	17,8	67,62	13,76

Fonte: Contas Nacionais e Regionais (IBGE, 2022b).

A localização geográfica de Franca é um fator de extrema relevância para o desenvolvimento do setor calçadista no município. Desde o século XVIII, o povoamento de Franca foi favorecido pela estrada comercial que passava pela região, a qual percorria desde a Província de São Paulo até a região do atual estado de Goiás. O declínio do extrativismo minerador, no estado de Minas Gerais, também foi um elemento importante para o povoamento de Franca, com o êxodo dos mineiros, que estabeleceram a atividade de pecuária, fornecedora do couro utilizado no início da produção de calçados e derivados. A atividade cafeeira desempenhou um papel crucial no desenvolvimento agrícola do município de Franca, incentivando o cultivo de novas plantações e impulsionando as exportações agrícolas. A partir de 1880, Franca passou por transformações significativas, incluindo um crescimento populacional substancial e uma expansão urbana. A instalação da ferrovia em 1887 foi um marco importante nesse processo, impulsionando a comercialização de produtos alimentícios, bem como de produtos de couro e calçados, e contribuindo para o crescimento urbano do município.

No final do século XIX, Franca se destacava como um importante centro comercial devido à sua diversidade econômica, que abrangia atividades como pecuária, agricultura, comércio, tecelagem, mineração e atividades artesanais. A chegada da ferrovia também impulsionou o desenvolvimento econômico regional, com ênfase na exportação de café e na produção agrícola de subsistência, além da produção de roupas e calçados. O desenvolvimento urbano de Franca, nesse período, foi marcado por uma dualidade econômica entre atividades comerciais artesanais e agropastoris.

A presença significativa de imigrantes, particularmente italianos e espanhóis, a partir de 1920, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento industrial e na mecanização da produção agrícola. Esses imigrantes contribuíram para a fundação de diversas indústrias, incluindo fábricas de cigarros, macarrão, cerveja e fósforos, além de desempenharem um papel importante na consolidação da indústria calçadista. A influência dos imigrantes pode ser vista na fundação de várias empresas no setor calçadista. A monetarização econômica de Franca, impulsionada pelo desenvolvimento da lavoura cafeeira, foi um elemento-chave no crescimento das trocas comerciais e no estabelecimento de diversas indústrias e variados gêneros comerciais. No entanto, esse período de crescimento vigoroso

foi abruptamente interrompido pela crise econômica de 1929, desencadeada pelo colapso da Bolsa de Valores de Nova Iorque, que resultou em uma profunda depressão econômica global.

No entanto, para o município de Franca, a crise trouxe uma oportunidade inesperada. Com a necessidade de redução dos custos de produção nas capitais brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, que eram os grandes centros produtores calçadistas do país, Franca emergiu como um beneficiário direto dessa situação.

A vantagem competitiva de Franca residia nos menores custos de mão de obra em comparação com as capitais mencionadas. Essa condição favorável permitiu que a indústria calçadista local se destacasse e prosperasse, impulsionando a economia do município e transformando-o em um importante polo produtor de calçados no Brasil.

A atividade cafeeira teve superioridade econômica em relação a produção calçadista, no município de Franca, até a década de 1950, período em que as atividades industriais acentuaram-se no município e a atividade calçadista se consolidou, deixando o modo artesanal de produção e passando a utilizar maquinários na maior parte da produção.

No ano de 2012 (SEBRAE, 2016, p. 81), o município de Franca recebeu concessão do registro de indicação geográfica, na modalidade de indicação de procedência, como nome notório referente ao histórico e importância da indústria calçadista no município, sendo o primeiro município do Estado de São Paulo a receber esse registro. Posteriormente, em 2013 (SEBRAE, 2016, p. 29), Franca recebe outra indicação geográfica correspondente a procedência do café da Região da Alta Mogiana. Tornando-se o único município brasileiro detentor de duas indicações geográficas.

Durante o século XXI, precisamente a partir do ano de 2010, a indústria calçadista de Franca apresentou declínio significativo na participação da indústria de calçados no total de estabelecimentos industriais do município e uma instabilidade nas exportações de calçados, em contrapartida a produção e exportação cafeeira registraram consistente crescimento, tornando-se o principal responsável econômico do município.

Por meio desta pesquisa propõe-se uma análise do processo de desenvolvimento da indústria calçadista no município de Franca-SP, durante o

período de 2010-2021, buscando-se entender o seu impacto na geração de renda e na oferta e manutenção de empregos. O município de Franca, mesmo com a reestruturação produtiva do setor, manteve-se em destaque no âmbito calçadista, despontando, nas últimas décadas, como referência no cenário nacional.

Dessa forma, as problemáticas centrais da pesquisa são compreender como a indústria calçadista se estruturou no município de Franca, e sobretudo, como ocorreu a reestruturação desse setor durante a última década. Compreender o desenvolvimento da indústria calçadista no início do século XXI. Investigar se houve fechamento de empresas. Entender as estratégias adotadas pelo setor público e privado, e quais foram as outras atividades que despontaram durante esse período.

O recorte analítico aqui apresentado baseia-se na relevância desse cenário para a economia nacional. Assim, pretende-se entender como se estrutura a oferta de emprego na indústria calçadista e quais os seus impactos na geração de renda no município de Franca.

Os procedimentos metodológicos consistem em levantamento bibliográfico e de dados estatísticos, através da elaboração de tabelas, gráficos e mapas, utilizados como ferramentas para a organização e apresentação dos resultados finais. O levantamento bibliográfico consiste no uso de referencial teórico-analítico composto por periódicos, teses, anais de congressos, sites, entre outros, que podem complementar a pesquisa e dar subsídios para o entendimento de questões relevantes à temática.

Entre os procedimentos técnicos adotados, destaca-se a revisão bibliográfica dos diversos trabalhos existentes que tratam da indústria calçadista brasileira, com ênfase nas aglomerações de empresas do setor. Juntamente à revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento da indústria calçadista de Franca, incluem-se indicadores e dados estatísticos com a finalidade de dar consistência e clareza às informações apresentadas pela análise bibliográfica.

Na pesquisa utilizou-se levantamentos em fontes secundárias, com a realização de um inventário com os dados obtidos por pesquisa documental da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e do Sindicato da Indústria de Calçados de Franca (SINDIFRANCA) com o número de pessoal ocupado e de estabelecimentos da indústria calçadista em Franca.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Compreender a estrutura e organização do setor calçadista no município de Franca, considerando o desenvolvimento industrial no início do século XXI.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar os impactos, em termos de emprego e de fechamentos de indústrias, no início do século XXI na indústria calçadista em Franca – SP;
- b) Compreender a participação da indústria calçadista no total de exportação do município de Franca, no início do século XXI.

Para cumprir esses objetivos, o trabalho está estruturado em 3 capítulos, no qual, o primeiro capítulo compreende uma retrospectiva da formação do setor calçadista no município de Franca, apresentando a evolução econômica do município com seu início pautado na atividade cafeeira e posteriormente destacando-se na industrialização calçadista, precisamente no século XX.

O segundo capítulo aborda a conceituação e definição de desindustrialização, com apresentação de dados referentes ao processo de desindustrialização calçadista do município de Franca, com ênfase no período pós 2010.

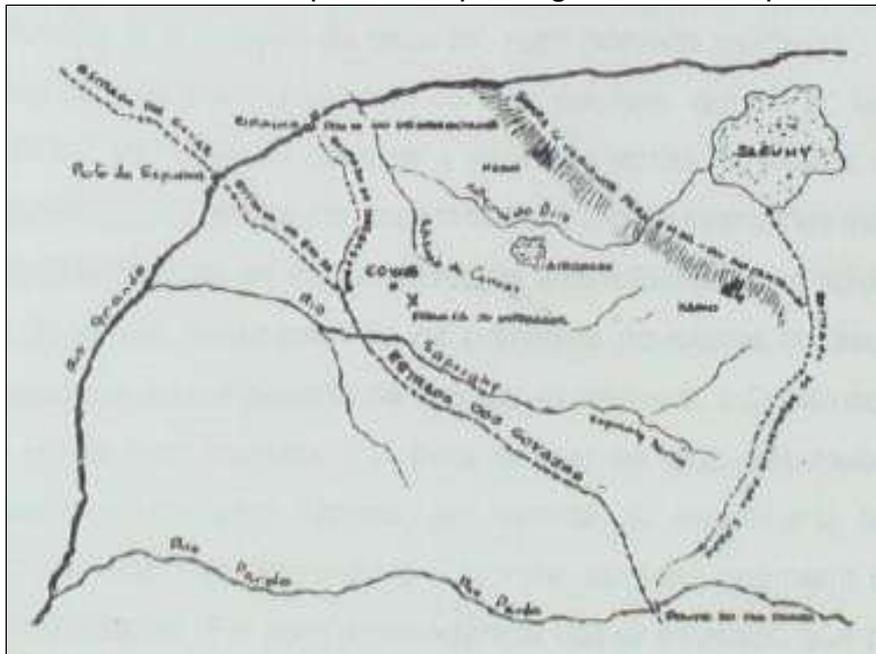
O último capítulo apresenta resultados sobre o desenvolvimento da indústria calçadista no município de Franca, tanto na questão do emprego, número de empresas e participação na exportação do setor. Com ênfase no período pós 2010, diante de vários desafios como o crescimento da concorrência com produtos asiáticos e de uma nova reestruturação produtiva, com o foco nos dados do Cadastro Geral dos Desempregados e Empregados (CAGED), Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Brasil (COMEX STAT), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Sistema de Recuperação Automática - (IBGE-SIDRA).

## 2 A INDÚSTRIA CALÇADISTA EM FRANCA: FORMAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DO SETOR CAFEIEIRO E DA INDÚSTRIA CALÇADISTA

Franca tem sua história relacionada ao surgimento do Arraial Bonito do Capim Mimoso, estabelecido à margem da “Estrada dos Goyazes”, eixo de circulação de São Paulo à região centro-oeste do país. No início do século XIX, os moradores desse Arraial estabeleceram o princípio de um núcleo urbano, devido localização privilegiada, o que proporcionou ao Arraial a constituição de um importante entreposto de mercadorias, gado e sal para os viajantes que se locomoviam para a região centro-oeste do país. “Através da estrada fazia-se o escoamento econômico da região e é por ela que os viajantes e comerciantes passavam com suas tropas comprando e trocando produtos e indo para Goiás, Minas, Mato Grosso ou retornando para São Paulo” (Chiachiri Filho, 1986, p. 50). Essa atividade comercial era realizada devido a pequenas plantações e criação de gado desenvolvidas pelos moradores do Arraial, que garantiam esse comércio (Bentivoglio, 1997).

Conforme Mapa 2, verifica-se a localização de Franca e o traçado da “Estrada dos Goyazes”.

Mapa 2 - Localização da Estrada de Goiás “Estrada dos Goyazes” cortando o povoado que originou o município de Franca



Fonte: Bentivoglio (1997, p. 52).

A importância do entreposto comercial de Franca pode ser notada na definição do sal comercializado, como o “sal da Franca”:

Por essa estrada levava-se gado, couros salgados e cereais para o sul a fim de serem trocados, sobretudo, por sal e artigos manufaturados; a importância do entreposto francano nesse caminho pode ser medida pela própria identificação do sal comercializado nas transações ao longo da ‘Estrada dos Goyases’ como ‘sal da Franca’. (Barbosa, 2004, p. 17).

De acordo com Tosi (1998), a região de Franca era considerada uma região de fronteira na atividade comercial, conhecida por ser “um ponto de confluência não só de homens, mas também de rebanhos que buscavam valorização nos mercados mais populosos ao sul, notadamente no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo” (Tosi, 1998, p. 24).

A localização de Franca, situada no nordeste do estado de São Paulo, junto a divisa do estado de Minas Gerais, proporcionou a constituição de uma região de fronteira na atividade comercial, contribuiu para a manutenção da atividade comercial de gado, mercadorias e sal, proporcionando a organização de um núcleo urbano em meados de 1875. O sal era comercializado, em grande quantidade, devido a criação de animais, transportado do litoral em carros de bois, com um importante centro de distribuição no município de Sacramento – Minas Gerais, distante 100 quilômetros de Franca (Chiachiri Filho, 1986).

No ano de 1805 houve a fundação da Freguesia Nossa Senhora da Conceição de Franca e Rio Pardo, sendo elevada a Vila, no ano de 1824 com o nome de Vila Franca do Imperador, e em 1856 passa a condição de município substanciando para Franca, em homenagem ao Antônio José da Franca e Horta, governador da capitania. A Vila Franca do Imperador, teve seu início relacionado à estadia dos boiadeiros que percorriam a “Estrada dos Goyazes” e também devido ao ofício de seleiro, desenvolvido na Vila, o que proporcionava consertos nos carros de boi desses boiadeiros. Essa prática contribuiu para o desenvolvimento de atividades realizadas com couro pelos artesãos, progredindo para a fabricação de chinelos e dos primeiros calçados (Chiachiri Filho, 1986).

O desenvolvimento populacional desse novo município foi favorecido pela diminuição da mineração no estado de Minas Gerais, pois no final do século XVIII início do século XIX, houve a migração de moradores desse estado para a região de Franca

(Pereira, 2005). De acordo com Chiachiri Filho (1986), com o esgotamento e decadência das minas de ouro, os migrantes mineiros foram conduzidos pelo Capitão Hipólito Pinheiro em busca de novas terras para criação de gado e inserção de atividade agrícola. Prado Junior (1993, p. 199) pontuou que os criadores mineiros de gado, a partir do final do século XVIII, passaram a se estabelecerem em São Paulo “na região que flanqueia a serra oeste, de Franca a Mojimirim”.

Até a década de 1890, Franca era considerada como uma cidade inexpressiva, com predomínio da condição colonial, sendo a zona rural o lugar de moradia da maioria da população e local onde se retirava o necessário para viver. “A ida à cidade se dava apenas em ocasiões especiais como casamentos, enterros ou festas religiosas” (Follis, 2007, p. 32). Com algumas chácaras e agrupamentos de casas rústicas localizadas distantes do núcleo urbano central, a área urbana de Franca, nesse período, ficou praticamente restrita a área de fundação da Freguesia Nossa Senhora da Conceição de Franca e Rio Pardo, conforme ao atual Centro (Follis, 2007). Ao longo da “Estrada dos Goyazes” foi o local escolhido entre os trabalhadores das minas de ouro para se instalarem, surgindo os primeiros povoados no interior da Província de São Paulo.

Fixaram-se no Bello Sertão da Estrada dos Goyases e ao longo dela é que nasceram as freguesias, as vilas, é também por ela que os carros de boi circulavam carregados de mantimentos que vão ser consumidos e revendidos por Campinas e São Paulo. Tropas de bestas recortavam o sertão, comprando e trocando produtos. (Gaeta, 1997, p. 32).

Franca tem seu histórico agrícola relacionado ao cultivo de trigo, algodão e fumo, pois de acordo com Faleiros (2002, p. 11), “Entre 1861 e 1864 o Ministério da Agricultura enviou remessas de manuais e sementes de trigo, algodão e fumo para o município”. A produção de café, remonta desde o ano de 1830, porém era limitada ao consumo dos habitantes locais e dos viajantes que passavam pelo município, porém a partir do final do século XIX, a principal atividade agrícola e econômica do município esteve baseada na cultura do café. De acordo com Tosi (1998), o desenvolvimento do cultivo do café, no município de Franca, está relacionado à inauguração da ferrovia, pois

Foi à ferrovia que trouxe a cafeicultura capitalista para Franca, como de resto as transformações dela decorrentes. Embora houvesse

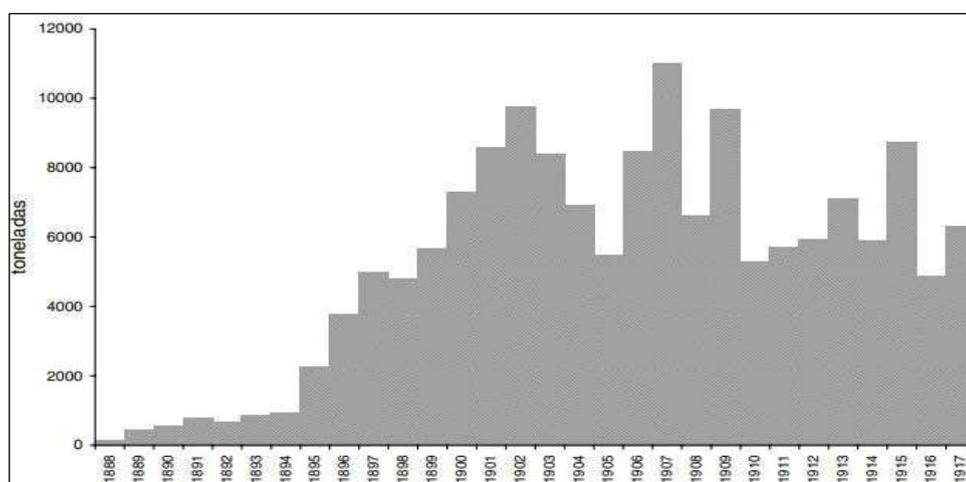
algumas fazendas de café, elas poderiam ser classificadas de inexpressivas frente às quantidades do que passaram a ser produzidas posteriormente, de modo que seria incorreto pensar a cafeicultura como tendo atraído a ferrovia, tanto quanto imaginar a existência de “cafelistas” de expressão no município antes da sua chegada. (Tosi, 1998, p. 85).

O desenvolvimento econômico e social do município de Franca relaciona-se a instalação dos trilhos da Ferrovia da Cia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação em Ribeirão Preto, em 1883 e posteriormente em 1887 em Franca, com a possibilidade do escoamento da produção do café e também pela migração de trabalhadores para as lavouras de café.

A ferrovia estava, portanto, criando oferta e procura, alargando as possibilidades de um mercado em localidades onde ele ainda não havia se consolidado, na medida em que rebaixa os custos de intermediação, através da agilização dos transportes. (Tosi, 1998, p. 78).

A produção de café que em 1870 correspondia a 2.534 arrobas de café e no ano da inauguração da ferrovia, a produção foi de 60.000 arrobas (Chiachiri Filho, 1986). Em 1890, a produção cafeeira em Franca alcançou níveis de produção capitalista, conforme pode ser verificado na Gráfico 1, com o total de café embarcado na estação ferroviária de Franca, o que demonstra a importância da ferrovia para o desenvolvimento da produção cafeeira no município.

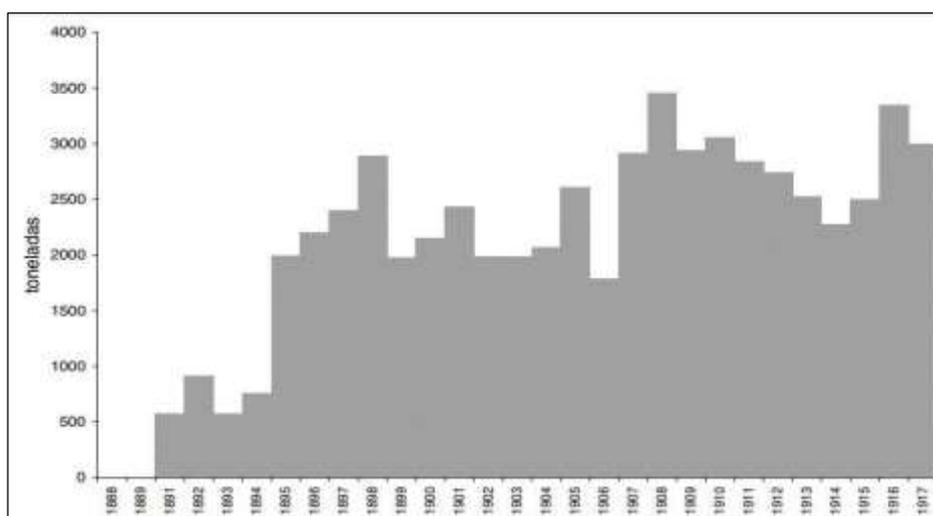
Gráfico 1 – Café embarcado na Estação Ferroviária Franca da Mogiana (1888-1917)



Fonte: Tosi, Faleiros e Teodoro (2007, p. 409).

A atividade cafeeira colaborou com o incremento agrícola no município de Franca, novos cultivos foram estabelecidos, aumentado à exportação da agricultura, “foi sendo incrementada a tradicional agricultura de alimentos que passou a contribuir significativamente no conjunto dos bens exportados” (Tosi, 1998, p. 89). Conforme pode ser verificado na Gráfico 2, com o total de produtos alimentícios embarcados na estação ferroviária de Franca, constata-se a evolução da exportação de alimentos no município de Franca, com destaque ao crescimento a partir de 1895.

Gráfico 2 – Gêneros Alimentícios embarcados na Estação Franca Da Mogiana 1888-1917 (incluído café)



Fonte: Tosi, Faleiros e Teodoro (2007, p. 413).

De acordo com Tosi, Faleiros e Teodoro (2007), o aumento da exportação de gêneros alimentícios relaciona-se cultivo desses produtos nos espaços intercafeeiros, desmonstrando que o aumento da produção cafeeira favoreceu a produção de outras culturas.

A partir de 1880, a cidade de Franca apresentou importantes alterações, como o aumento populacional, a expansão e urbanização. “Lentamente a cidade passa a despojar-se de suas feições rurais. Novos loteamentos foram feitos, chácaras transformaram-se em lotes, surgiram novos bairros, melhorou-se a infraestrutura e os serviços urbanos” (Bentivoglio, 1996, p. 48). A partir da implantação da ferrovia em 1887, houve um aumento na comercialização de produtos alimentares e também dos produtos de couro e calçados em Franca, o que favoreceu o crescimento da urbanização no município.

No final do século XIX, Franca apresentava um importante centro comercial devido sua diversidade econômica composta pela “pecuária, agricultura, comércio, tecelagem, mineração, alguns experimentos industriais como engenhos de açúcar e aguardente – e atividades artesanais – selarias e sapatarias” (Oliveira, L. L., 1997, p. 75). Franca destacava-se na relação mercantilista por abastecer as regiões centro-oeste e sul do país, a princípio a criação de gado e o comércio foram responsáveis “pela criação das condições básicas de fomento da infra-estrutura urbana, entretanto, coube ao café a responsabilidade direta pela consolidação e desenvolvimento das instituições e das atividades urbanas” (Bentivoglio, 1996, p. 56).

No período de 1886 e 1920, houve um crescimento populacional de 341,32%, em 1886, o município apresentava 10.040 habitantes e em 1920 esse número subiu para 44.308 habitantes, evidenciando o aumento da taxa de crescimento populacional do município (Tosi, 1998). Com a expansão do núcleo urbano de Franca, o poder público municipal passa a adotar medidas para modernizar o centro da cidade baseadas em nos centros urbanos brasileiros, como a implementação de um rigoroso código de posturas promovendo uma “modernização urbanista que se caracterizou pela implantação de melhoramentos urbanos especialmente no centro” (Follis, 1998, p. 13).

Conforme Mauro Ferreira (1989), com a chegada da ferrovia em Franca, o desenvolvimento econômico regional ocorreu em duas bases, uma para a exportação de café e outra para a produção agrícola de subsistência, além da produção de roupas e calçados. O desenvolvimento urbano de Franca, do final do século XIX, consolidou-se na dualidade econômica comercial de base artesanal e agropastoril.

Em 1920, 21,35% da população de Franca era composta por imigrantes, particularmente 2.889 italianos e 2.281 espanhóis (Faleiros, 2002), a presença desses imigrantes, primeiramente atraídos para trabalharem na lavoura de café, teve importância também para o desenvolvimento da industrialização e da mecanização da produção, com a inserção de novas tecnologias e organização do trabalho em nível industrial (Canôas, 1993). Com atuação nas fábricas de cigarros, macarrão, cerveja e fósforos estabelecidas no município, indústrias com limitada produção (Tosi, 1998).

De acordo com Barbosa (2004), a importância dos imigrantes também é

notada na consolidação da indústria calçadista, pois a maioria das empresas desse setor foi fundada por italianos ou filhos de italianos, por meio de baixos investimentos desenvolveram indústrias que se consolidaram ao longo do tempo. O autor destaca, que a maior indústria calçadista do município teve como fundador um sapateiro filho de espanhóis.

De acordo com Bentivoglio (1996), no início do século XX, o município de Franca era conhecido com o produtor do “melhor café do mundo”. Segundo Tosi, Faleiros e Teodoro (2005, p. 291), a origem da estrutura fundiária de Franca deveu-se, em primeiro lugar, à “antiguidade do povoamento da região – por entrantes de pequenas posses, que a predispôs a uma maior fragmentação do solo; em segundo lugar, ao fato de seus solos não se adequarem tão bem quanto os de terra roxa à cafeicultura.”

A estrutura fundiária de Franca, não tão concentrada como em outros municípios de maior produção cafeeira, originou-se de duas circunstâncias: em primeiro lugar da antiguidade do povoamento da região – por entrantes de pequenas posses, que a predispôs a uma maior fragmentação do solo; em segundo lugar ao fato de seus solos não se adequarem tão bem quanto os de terra roxa à cafeicultura, não atraindo grandes investidores interessados em se estabelecer em grandes fazendas. (Tosi; Faleiros; Teodoro, 2007, p. 408).

Conforme Teodoro (2006), esse município não era formado por grandes fazendas; a maior fazenda do município, em 1901, contava com apenas 185.000 pés de café. O município destacou-se pela predominância de pequenas propriedades, apesar do desenvolvimento da produção cafeeira em Franca, não se comprova “um processo mais amplo de concentração de terras, muito pelo contrário, por mais paradoxal que possa parecer, quanto mais avançamos no tempo mais as pequenas propriedades se impõem como conformação dominante” (Faleiros, 2002, p. 4).

Houve um predomínio de pequenas propriedades produtoras de café no município de Franca, com uma consolidação das pequenas propriedades ao longo dos anos, “não se verifica no espaço em questão um processo mais amplo de concentração de terras e capitais que desalojam os pequenos fazendeiros e impõe o latifúndio e o trabalho livre como realidades” (Faleiros, 2002, p. 21).

Conforme Monbeig (1984), a superprodução cafeeira do estado de São Paulo, no período de 1900-1905 foi de responsabilidade dos grandes centros de

produção de café localizados nos “municípios cujos territórios estendem-se pelas escarpas formadas por arenitos e diabásicos, alargando-se sobre o reverso da cuesta, ou correspondendo a grandes extensões de terra roxa no planalto ocidental paulista” (Monbeig, 1984, p.169). Com destaque aos municípios de Ribeirão Preto, Batatais, Sertãozinho, São Simão, Jardinópolis, Cravinhos, Santa Rita do Passa Quatro e Nuporanga, totalizando 110 milhões de pés de cafés, “aos quais se podem juntar 7 milhões que havia em Franca e 1 milhão em Ituverava” (Monbeig, 1984, p.170).

No período de 1905-1920, o município apresentou diminuição e fragmentação no tamanho das propriedades rurais. Em 1905 eram 384 propriedades, e em 1920 o número de propriedades rurais passou para 583, proporcionando um maior número de propriedades rurais com tamanhos menores. Mesmo com a diminuição no tamanho das propriedades rurais, houve um aumento no número de pés de cafés cultivados e na área de plantação (Tosi, 1998).

A cafeicultura de Franca tinha na qualidade dos cafés o seu estímulo, isso se verificou na tendência crescente dos seus cafeeiros. A produção variava em função de uma série de fatores que iam desde as disponibilidades financeiras de cada agricultor em particular, até as condições climáticas predominantes. As expressivas colheitas em 1909, 1913 e 1917 estavam diretamente relacionadas com as chuvas que ocorreram nos meses anteriores e posteriores à colheita. A idade dos cafeeiros também influenciava na quantidade produzida, especialmente na safra de 1917 houve a influência das primeiras cargas dos quase 4,5 milhões de novos pés de cafés plantados nos anos anteriores. (Tosi, 1998, p. 136).

Conforme Valdir Geraldo Ferreira (2005), com a plantação de café desenvolvida no município de Franca, verifica-se a monetização da economia ocasionada por essa atividade. Houve um aumento da circulação de capital nas operações comerciais no município, devido ao pagamento de salários aos trabalhadores ligados a atividade cafeeira, o que contribuiu com a ampliação do comércio e da indústria.

A monetarização econômica de Franca, beneficiada pelo desenvolvimento da lavoura cafeeira, favoreceu o aumento das trocas comerciais e estabelecimento de indústrias e variados gêneros comerciais, como o crescimento no número de armazéns de secos e molhados, no período de 1877-1912, “passando de 25 a 138

– chegando a ser 190 em 1901” (Barbosa, 2004, p. 27).

O primeiro banco instalado em Franca, foi o Banco de Custeio Rural, no ano de 1912, com atuação durante pouco tempo, pois faliu em 1919 (Ribeiro, 1941). Anterior a isso a população de Franca contava com as casas bancárias, com destaque para a de Chrysógono de Castro, estabelecida em 1893, e para as Casas Hygino Caleiro e Guerner, “onde empréstimos a juros, desconto de títulos e ordens de pagamento eram comuns” (Barbosa, 2004, p. 27). Somente em 1921 o Banco Comercial do Estado de São Paulo instalou-se no município e em 1923 foi instalado o Banco do Brasil (Ribeiro, 1941).

Com a crise econômica de 1929, provocada pelo colapso da Bolsa de Valores de Nova Iorque e seguida por uma profunda depressão econômica, com destaque para os anos de 1932 e 1934, houve uma crise da produção cafeeira no Brasil. A produção cafeeira paulista manteve-se em expansão até o ano de 1933, devido à alta produção nos anos de 1927 e 1928, o equivalente a 18 milhões de sacas de café. Nos anos seguintes, a produção em milhões de sacas de café no estado de São Paulo, apresentou-se da seguinte maneira, em 1928/1929 - 8,8 milhões; em 1929/1930 – 19,5 milhões; 1930/1931 – 12,9 milhões; 1931/1932 – 18,3 milhões; 1932-1933 – 15,0 milhões; 1933/1934 não há registro; 1934/1935 – 13,7 milhões (Kageyama, 1979).

De acordo com Furtado (1977), existiam três possibilidades para solucionar o problema da produção cafeeira, a primeira referente a realização da colheita ou o abandono das plantações; a segunda referia-se a caso a colheita fosse realizada, qual seria o destino e como terceira possibilidade caso a decisão fosse de estocar ou destruir a produção que arcaria com o financiamento dessa operação. Aparentemente a melhor decisão a ser tomada seria o abandono dos cafezais, porém o problema a ser resolvido consistia em saber quem pagaria pela perda do café. O autor enfatiza que o abandono dos cafezais sem o pagamento de indenização aos produtores traria a estes a maior perda e conclui que:

[...] a economia já havia desenvolvido uma série de mecanismos pelos quais a classe dirigente cafeeira lograra transferir para o conjunto da coletividade o peso da carga nas quedas cíclicas anteriores. Seria de se esperar, portanto, que se buscasse por esse lado a linha de menor resistência. (Furtado, 1977, p. 187).

Ainda que verificasse uma grande safra de café no estado de São Paulo, com

a crise ocorreu uma diminuição da demanda, o que impossibilitou apoio financeiro irrestrito aos produtores de café, promovendo a substituição da produção cafeeira por uma agricultura diversificada e desenvolvimento industrial. O setor cafeeiro perdeu seu lugar de destaque na economia paulista (Marcondes, 2007).

Durante a década de 1930, ocorreu um deslocamento do centro dinâmico da economia brasileira, antes pautada na demanda externa, tendo o café como principal produto de exportação, e passou a ter a demanda interna como importante referência de emprego, produto e renda. A produção manufatureira referente ao mercado interno passou a ocupar a posição de setor de maior importância para economia brasileira, papel ocupado, até então, pela agricultura de exportação (Furtado, 1971). Em Franca, a dinâmica econômica foi a mesma verificada no restante do país, na década de 1930, a produção cafeeira com a posição de principal atividade econômica do município começou a ser alterada.

A produção calçadista brasileira também sofreu impactos com a crise econômica de 1929, o município de Franca foi favorecido pela necessidade de diminuição dos custos de produção nas capitais brasileiras de São Paulo e Rio de Janeiro, os grandes centros produtores calçadistas do país. Franca foi beneficiada devido aos menores custos de mão de obra em comparação com as capitais citadas. Neste momento o município se especializou na produção de “sapatões”, sapatos rústicos utilizados, principalmente, pelos trabalhadores rurais. Conforme Tosi (1998), o município de Franca apresentou a partir da segunda metade da década de 1920, um aumento no número de empresas relacionadas à fabricação de calçados, transformando o couro em calçados.

Assim, Franca era, no final da década, a cidade do Interior paulista com o maior número de estabelecimentos produtores de calçados. Entretanto, nesse quesito a cidade estava longe de reunir caracteres definitivos de concentração da atividade. Dados disponíveis dão conta de que em 1929 havia em Franca 12 dos 65 estabelecimentos fabricantes de calçados em todo Interior paulista. (Tosi, 1998, p. 194).

O município de Franca teve seu predomínio econômico no cultivo de café até por volta da década de 1940, tendo a indústria calçadista alcançado essa posição a partir desse momento. A partir da década de 1940, Franca “começou a incorporar ao seu cotidiano e à sua paisagem traços distintivos de uma transformação que marcou a transição de economia essencialmente rural para a

condição de localidade predominantemente industrial e operária.” (Barbosa, 1998, p. 34).

A produção de calçados no município de Franca, também se relaciona com a posição geográfica privilegiada devido a “Estrada de Goyazes”, pois com o desenvolvimento da pecuária, a atividade de curtume desenvolveu-se no município desde o final do século XIX, por meio do aproveitamento das sobras de peles oriundas da pecuária, houve o desenvolvimento de oficinas de couro e seus derivados, sendo a principal atividade industrial do município, até a década de 1940. Ademais, a quantidade de água disponível, devido aos abundantes córregos e rios que compõem a região e da existência da árvore Barba-timão, que por meio da casca era extraído o tanino, insumo utilizado no curtimento do couro, colaboraram para o estabelecimento dos curtumes no município (Ribeiro, 1941).

Até a metade do século XIX, os produtos comercializados derivados do couro eram resultados de trabalho sem qualificação específica, o comércio era baseado em troca de produtos agrícolas com produtos provenientes do couro, como botinas e selas, e também era oferecido o conserto desses produtos derivados do couro. “Em outras palavras, essa produção tinha mais frequentemente o caráter de valor de uso e só eventualmente assumia a característica de valor de troca” (Navarro, 1999, p. 47).

Como consequência do desenvolvimento do comércio de produtos derivados do couro, impulsionado pela inauguração da ferrovia, ocorreu o aumento da demanda por couro curtido. Então por iniciativa do Padre Alonso de Carvalho, em 1886, houve a instalação do Curtume Cubatão, primeiro curtume instalado em Franca (Ferreira, V. G., 2005).

No final da década de 1890, foi inaugurado o Curtume Coqueiro, posteriormente denominado de Curtume Progresso, considerado o mais desenvolvido do começo do século XX, em contraposição aos inexperientes curtumes que foram inaugurados, o Santa Cruz em 1908 e o Pucci em 1915. Conforme Tosi (1998), no ano de 1901, o município de Franca apresentava quatorze oficinas de sapateiro, dois curtumes e uma fábrica de calçado.

No início do século XX, os curtumes representavam a principal atividade industrial de Franca, com destaque para o Curtume Progresso, classificado como de meio porte, “segundo curtume mecanizado do estado, sendo que o primeiro estava localizado na capital” (Rinaldi, 1987, p.14), no período de 1927 e 1938

empregava 90 funcionários, enquanto que o maior curtume paulista situava-se na capital do estado e contava com mais de 300 funcionários (Tosi, 1998).

Na década de 1930, o setor de calçados de Franca experimentou uma nova modalidade para mecanização da produção calçadista, emprega-se o sistema de arrendamento maquinário. Até o início do século XX, a produção calçadista em Franca ocorreu de forma artesanal. Nessa nova etapa de mecanização da produção, destaca-se o empresário Antônio Lopes de Melo, que em 1936, importou maquinário alemão, sendo substituído, por máquinas mais modernas e eficientes, pouco tempo depois, pela empresa estadunidense United Shoes Machinery Company por meio do sistema de arrendamento (Tosi, 1998).

De acordo com Suzigan (2000), a instalação, durante a primeira década do século XX, da empresa estadunidense United Shoes Machinery Company no Brasil, foi fundamental para a difusão de máquinas para a produção calçadista brasileira e proporcionou a diminuição do valor dessa produção nacionalmente. Com o arrendamento de máquinas para a produção de calçados, houve o favorecimento do desenvolvimento da produção calçadista em Franca, pois os empresários locais não possuíam recursos financeiros e nem acesso ao crédito bancário para obtenção desse tipo de máquinas.

Conforme Barbosa (2003), a formação da indústria calçadista de Franca tem sua origem no modo artesanal da construção do calçado sob a égide do pequeno capital no início do século XX, em empreendimentos simples estabelecidos por artesãos e pequenos comerciantes, tendo como principal característica “a evolução gradativa da fase artesanal, passando à manufatureira, para depois de quase meio século alcançar o estágio de grande indústria” (Barbosa, 2003, p. 2).

O número de trabalhadores empregados é o fator de distinção entre o processo manufatureiro e o industrial, do processo artesanal. Conforme Silva (1976), na manufatura e na indústria, o proprietário não participa diretamente da produção, sendo o capital empregado o fator que distingue essas modalidades, “a importância do capital manifesta ao nível do valor uma da outra organização técnica do trabalho, caracterizada fundamentalmente pela mecanização” (Silva, 1976, p. 82).

Com base no Quadro 2, verifica-se a oscilação entre o número de indústrias calçadistas de Franca e o número de operários no período de 1910-1937. A diminuição no número de estabelecimentos industriais é observada entre os anos

de 1929 e 1930; 1932 e 1933; e 1935 e 1936; a partir de 1934 o número de operários no setor calçadista de Franca é superior a duzentos.

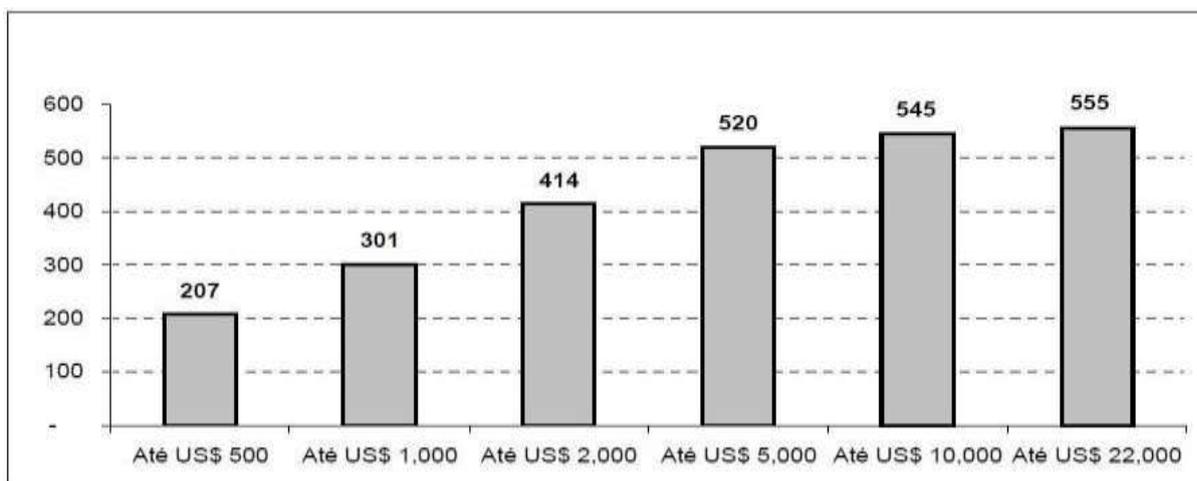
Quadro 2 – Número de indústrias calçadistas e operários em Franca no período de 1910-1937

<b>Anos</b>	<b>Número de indústrias</b>	<b>Número de operários</b>
1910	18	-
1925	05	-
1928	05	140
1929	12	163
1930	10	114
1931	13	162
1932	13	152
1933	11	123
1934	13	245
1935	15	237
1936	09	226
1937	10	243

Fonte: adaptado por Mateus Francisco Lopes baseado em Giometti *et al.* (2007) .

De acordo com Gráfico 3, observa-se o predomínio de pequenas empresas de calçados em Franca no período de 1900 -1960, a classificação realizada por Barbosa (2003) corresponde a grande empresa cujo o capital seja igual ou superior a 500 contos (US\$110 mil) ou 100 ou mais funcionários; empresa média com capital entre 100 e 500 (US\$ 110 mil e US\$ 22 mil) contos ou com número de funcionários entre 50 e 100; e como pequena empresa com capital inferior a 100 contos (US\$ 22 mil) e menos de 50 operários. Ao analisar o capital inicial das 562 empresas de calçados de Franca, no período de 1900- 1960, Barbosa (2003) constatou a hegemonia de fábricas que iniciaram suas atividades com pequeno capital.

Gráfico 3 - Capital inicial das empresas calçadistas registradas entre 1900 e 1960



Fonte: Elaborado por Barbosa (2003, p. 5) a partir de AHMF – Livros de Registro de Firms Comerciais do Cartório do Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca-SP.

As empresas calçadistas estabelecidas em Franca, no período analisado, apresentavam elevada diferença referente ao número de operários e ao capital investido em comparação as fábricas de calçados instaladas no estado de São Paulo. Na capital paulista, criadas no início do século XX, destacam-se a Cia de Calçados Clark com capital de 7.800 contos e 430 funcionários e a Cia de Calçados Bordallo, com capital de 7.000 contos e 197 funcionários. No interior do estado de São Paulo, a comparação é realizada com a Cia de Calçados Flora, localizada no município de Rio Claro, a empresa possuía investimento de 500 contos e 42 funcionários. Sendo consideradas como grandes empresas, diferente das empresas calçadistas francanas, as quais apresentavam pequeno capital e reduzido números de funcionários (Barbosa, 2003).

Com efeito, à essa época, a maior fábrica de Franca, a “Honório & Cia” (*Calçados Peixe*), possuía capital de 80 contos e 16 funcionários. A segunda maior, a “Calçados Maniglia”, contava com capital de 70 contos e 31 operários; a “Palermo” e a “Spessoto”, importantes na fase de consolidação, contavam, respectivamente, com 40 e 17 contos de capital e 6 e 15 operários cada uma. Na “Mello”, a terceira maior em meados dos anos 40, o número de operários não chegava a duas dezenas e o capital perfazia apenas 20 contos. (Barbosa, 2003, p. 6).

No período de 1900-1969, período considerado por Barbosa (2003) como origem, evolução e consolidação da indústria calçadista de Franca, constata-se a hegemonia de empresas que iniciaram suas atividades com baixo capital

investido. Somente a partir da década de 1960, que o grande capital relaciona-se a indústria de calçado, período em que o município de Franca já apresentava consolidação do setor calçadista. A especificidade da indústria calçadista possibilitou que novos empreendedores iniciam-se a produção industrial com pequeno investimento e proporcionou a promoção à categoria de empresários.

O baixo nível tecnológico, resultante da lentidão das inovações no setor, refletiu-se em uma indústria de mão de obra intensiva na qual as exigências de capital, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, tendiam a ser muito baixas – daí o predomínio de artesãos e operários em seus primórdios em Franca. (Barbosa, 2003, p.10).

Na década de 1950, a produção industrial de calçado, no município de Franca, destacou-se, pela primeira vez, como predominante à produção agrícola, nesse período a atividade calçadista representava 48,7% do total produtivo do município. Ocorreu uma expansão das empresas de calçados já estabelecidas e surgimento de novas empresas, no ano de 1950, a prefeitura de Franca destinou uma área industrial de 1877m<sup>2</sup> para o desenvolvimento de novas empresas calçadistas (Ferreira, 1989).

[...] de município que alicerçava sua economia à sombra dos pés de café, possuindo também na pecuária um forte componente de sustentação financeira, Franca passou a ter na indústria, sobretudo a calçadista, o principal motor de seu progresso. A partir da segunda metade do século XX a economia agrária cedeu lugar à atividade industrial, que se converteu em pólo dinâmico da estrutura econômica local. (Barbosa, 1998, p. 19).

De acordo com Suzigan (2000), são dois os fatores responsáveis pelo desenvolvimento da indústria calçadista no município de Franca. Primeiro, a posição geográfica de Franca favoreceu a formação de um entreposto comercial, com distribuição de mercadorias, sal e gado para os viajantes que utilizavam a “Estrada dos Goyasses” para se locomoverem de São Paulo à região central do país, também conhecida como “Rota dos Goyasses” ou “Estrada de Comércio”. O segundo fator diz respeito à significativa atividade de criação de gado de corte na região, o que proporcionou o surgimento das atividades direcionadas para a utilização de produtos derivados do couro, com a formação de um núcleo urbano local de selaria. E foi apenas na segunda metade do século XX que teve início a

produção dos “chamados ‘sapatões’ bastante utilizados entre os trabalhadores rurais, aproveitando a expansão da fronteira agrícola e a disponibilidade de matéria prima” (Suzigan, 2000, p. 25).

Conforme ao que foi exposto nota-se a importância da localização geográfica de Franca, para o desenvolvimento da cafeicultura beneficiada pela instalação da Ferrovia da Cia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação e da disponibilidade de couro devido à atividade de pecuária, o que possibilitou o desenvolvimento da indústria calçadista.

## 2.1 A CONSOLIDAÇÃO ECONÔMICA DA INDÚSTRIA CALÇADISTA EM FRANCA: ANÁLISE DO PERÍODO DE 1950-2000

A indústria calçadista de Franca teve seu início relacionado ao modo de produção artesanal e ao pequeno capital. Até a década de 1950, período da consolidação da indústria de calçados no município, a maioria das empresas desse setor era considerada de pequeno porte. “A história da indústria de calçado de Franca deve muito mais pelo espírito empreendedor que ao fato de terem sido a matriz originária do empresariado do calçado” (Barbosa, 2003, p. 53).

Assim, na década de 1950, o município de Franca tornou-se a sexta maior produtora de calçados do país. Nesse período, houve a modernização dos equipamentos industriais, ampliação dos prédios industriais e aumento da produção, com fabricação de sapatos médios e finos (Reis, 1994). Ocorreu um aumento na oferta de trabalho na indústria de calçados no município e por ser uma ocupação de baixa instrução profissional atraiu migrantes dos municípios vizinhos à Franca, principalmente do estado de Minas Gerais. “O status de cidade operária e industrial é atingido na década de 1950, onde a mesma ocupa a 27ª colocação entre os municípios mais desenvolvidos do estado de São Paulo e a 72ª colocação em nível nacional” (Barbosa, 1998, p. 39).

Em 1950, a produção média mensal de calçados, em Franca, foi de 93.093 pares, tendo uma produção total anual de 1.117.126 pares. Na década seguinte, precisamente no ano de 1967, a produção média mensal foi de 600.000 pares, com uma produção total anual de 7.200.000 pares, evidenciando o aumento da produção calçadista no município (Garcia, 1997).

No período de 1950-1960, houve um crescimento de 23,4% no número de

empresas calçadistas no município, passando de 171 empresas em 1950, para 224 no ano de 1960 (Pereira, 2005). “A indústria experimentou uma verdadeira febre de produção. Fábricas instalaram-se por toda parte fazendo com que o parque industrial crescesse de maneira desordenada” (Garcia, 1997, p. 18).

Conforme Giometti *et al.* (2007), a consolidação do parque industrial calçadista de Franca ocorreu na década de 1950, apoiada por incentivos estatais promovidos durante o governo Getúlio Vargas de 1951-1954, por meio de créditos concedidos pelo Banco do Brasil e também devido ao auxílio às importações de máquinas para a indústria nacional. “É o período em que recebe os incentivos estatais através dos créditos, possibilitando ao empresário realizar o aparelhamento de sua empresa, tornando-a cada vez mais competitiva em produção” (Giometti *et al.*, 2007, p. 41).

O favorecimento de importação de máquinas industriais ocorreu devido, “o estabelecimento de um câmbio flexível, cuja finalidade era restaurar a capacidade de competição das mercadorias exportadas e favorecer as importações de bens considerados básicos para o desenvolvimento da indústria” (Barbosa, 1998, p. 39).

De acordo com Barbosa (1998), na década de 1950, Franca destaca-se como cidade operária e industrial. Com a consolidação do parque industrial calçadista de Franca, migrantes de áreas rurais de municípios do entorno de Franca, principalmente do estado de Minas Gerais, deslocam-se para o município à procura de emprego na indústria calçadista.

Com o crescimento das indústrias calçadistas em Franca, na década de 1950, novos seguimentos industriais relacionados à produção de calçados se estabeleceram no município. Houve a consolidação dos curtumes e o desenvolvimento do setor industrial químico com produtos como solventes e cola e do setor metalúrgico com maquinários para a produção calçadista. A consolidação desses setores industriais proporcionou a indústria calçadista de Franca uma autonomia em relação às importações, pois os produtos necessários à produção de calçados passaram a ser fabricados no próprio município. Conforme Benko (1996), a fortificação mútua da aglomeração geográfica das indústrias e a divisão social do trabalho ocorrem no espaço e no tempo, devido à “redução dos custos transacionais externos das firmas, e esta conduz a uma aglomeração densa por causa da proliferação das conexões interempresas” (Benko, 1996, p. 144).

Na década de 1960, o município de Franca apresentou importante crescimento no número de indústrias calçadistas e de curtumes. No período de 1962 e 1967, o município totalizou 360 indústrias calçadistas, sendo 138 novas indústrias, e 17 novos curtumes. O crescimento industrial calçadista de Franca ocorreu de modo diversificado, com a maior parte das indústrias formadas por pequenas indústrias com no máximo 50 funcionários (Rinaldi, 1987).

De acordo com Suzigan (2000), a produção calçadista de Franca sofreu nova expansão na década de 1960, com o início da comercialização externa, com vendas, principalmente, para o mercado estadunidense. A indústria de Calçados Samello foi a pioneira na exportação de calçados francanos, “a comercialização de calçados produzidos em Franca no mercado internacional teve início em 1969, quando a Calçados Samello S.A. realizou o primeiro embarque para o exterior” (Navarro, 2006, p. 146). De acordo com Costa (2004), o diretor da empresa, Wilson Sábio de Mello, se pronunciou, no Jornal Comércio da Franca, sobre o início da exportação:

É preciso divulgar este fato, para que a comunidade francana saiba que novas perspectivas se abrem para nós. Inicia-se uma nova etapa para a indústria francana. E devemos encarar com otimismo o futuro, pois o governo federal e o estadual estão promovendo estímulos fiscais, a fim de que entremos no mercado exterior e logremos mais dólares para o Brasil. (Costa, 2004, p. 15).

Na década de 1970, a indústria calçadista de Franca apresentou um aumento superior a 10.000 funcionários nas atividades do setor de calçado, passando de 2.517 funcionários na década de 1960, para 14.286 trabalhadores na década de 1970 (Garcia, 1997). “Durante a década de 1970, as exportações de calçados produzidos em Franca vão se consolidar, tornando o município o maior polo exportador de calçados masculinos de couro do país” (Navarro, 2006, p. 147). O município de Franca apresenta sua economia voltada para o setor calçadista, caracterizada por uma aglomeração nas atividades de produção de calçados e complementares no processo produtivo.

O pólo cria parâmetros que equilibram o desenvolvimento de determinados locais, onde a cooperação entre os atores envolvidos passa a ser fundamental para a sua maturação e crescimento. A concentração industrial em uma localidade, com várias empresas produzindo o mesmo produto, vem cooperar para o fortalecimento deste setor, bem como atrair vantagens e benefícios produtivos para

o mesmo. Enfim, participa ativamente do desenvolvimento econômico daquela localidade, bem como integra os atores do local para justificar a sua criação, permanência e existência. (Oliveira, W. A., 1999, p. 62).

O Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) e o Serviço Nacional Indústria (SENAI), instalaram-se no município de Franca na década de 1970, atuaram no desenvolvimento de pesquisas relacionadas a novas tecnologias e produtos para a indústria calçadista e no ensino técnico para inspeção da qualidade do calçado, o que favoreceu o aperfeiçoamento na produção e diminuição do custo do produto. Conforme Navarro (2006), o IPT e o SENAI são instituições que deram suporte ao desenvolvimento do setor calçadista em Franca:

O SENAI - Serviço Nacional de aprendizagem industrial – atuando na área de treinamento de mão de obra para a indústria calçadista e o Núcleo Tecnológico de Couros, Calçados e afins, do IPT- Instituto de Pesquisas Tecnológicas do estado de São Paulo, na área de pesquisa, desenvolvimento de produtos e tecnologia para as indústrias de calçados e na formação de técnicos especializados em controle de qualidade. (Navarro, 2006, p. 157-158).

A inserção da produção calçadista francana no mercado internacional foi dificultada pela concorrência com calçados italianos, japoneses e coreanos do sul, principalmente, porém o menor custo de mão de obra da indústria calçadista de Franca, proporcionando um menor custo de produção, em relação aos concorrentes, foi um fator determinante para o aumento das exportações de calçados francanos. Os incentivos estatais como estímulo às exportações, durante o Governo Militar, também foram fundamentais ao desenvolvimento do setor de calçados brasileiro, como subsídios às exportações, autorização de créditos, incentivos fiscais, isenção de impostos e por meio da política cambial adotada houve a desvalorização da moeda nacional (Reis, 1994).

As facilidades em termos de crédito e estímulos fiscais geradas pelo apoio estatal à indústria do calçado possibilitaram o erguimento em curto prazo de uma rentável plataforma exportadora de calçados em Franca. Se em 1970 as exportações não alcançavam meio milhão de dólares, dois anos depois já chegavam a 10 milhões de dólares. (Barbosa; Barbosa, 2010, p. 479).

Em 1971, a indústria de Calçados Samello enviou 17 mil pares de sapatos

para o mercado estadunidense, com previsão de mais seis remessas, até a metade do ano para a América do Norte e Israel. Em menos de um ano, da primeira exportação de sapatos pela indústria de Calçados Samello, outras indústrias iniciaram a exportação de calçados para os Estados Unidos. A indústria de produtos químicos e solados de calçados Amazonas, exportou solados para o exército estadunidense. “A partir de então, as notícias sobre tais transações comerciais se tornaram recorrentes e a maior parte das vendas ocorreu para os EUA” (Rezende, 2012, p. 22).

No ano de 1971, a indústria de Calçados Agabê, realizou o primeiro contrato para exportação de calçados para o continente europeu, com negociação com a Alemanha, também foi iniciada a venda de couros acabados por curtumes francanos para a europa “marcando como positiva a adaptação ao mercado internacional, colocando Franca conhecida internacionalmente como pólo produtor de calçados de alta qualidade” (Giometti *et al.*, 2007, p. 42).

Nos anos 1980, ocorreu a abertura mais significativa do mercado europeu e empresas como a *Samello* exportaram para países de diferentes continentes: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Polônia, China, Japão, Argentina, Chile e Venezuela. Nesse período, a Amazonas chegou a fabricar 110 mil pares de saltos e solas por dia. (Rezende, 2012, p. 22).

Nos anos seguintes, a indústria calçadista de Franca apresentou variações entre crescimento e redução de produção para os mercados interno e externo. De acordo com Mendes (1997), a atividade industrial passou por grandes mudanças organizacionais e estruturais a partir de 1970.

O estímulo às indústrias calçadistas de Franca, tanto com vendas no interior do país como no exterior, foi favorecido pela fundação da Feira do Calçado e Couro de Franca – FRANCAL. Com inauguração em 1969, até o ano de 1982 teve sua realização em Franca, a partir desse ano teve sua realização na cidade de São Paulo. A FRANCAL, no período que foi realizada em Franca, teve participação de expositores e clientes de diferentes regiões brasileiras, importadores de diferentes continentes e de dois chefes de Estado do regime militar, Ernesto Beckmann Geisel em 1974 e João Baptista de Oliveira Figueiredo em 1979, diversas autoridades como governadores paulistas, ministros e secretários de Estado (Rezende, 2012).

Durante a década de 1980, as políticas referentes ao setor industrial, no Brasil, eram restritivas ao comércio, com determinação de tarifas e quotas de importação. De acordo com Ferreira e Rossi (1999), no período de 1985 e 1989, o setor industrial brasileiro apresentou baixa produtividade. Porém, a partir da década de 1990, com o início do governo Collor, o país passou por um processo de liberação econômica e por adaptações, como manutenção da democracia e ajuste da estabilização com a adoção de políticas neoliberais como conteúdo político (Druck, 1999), para que o país estivesse adequado às exigências da economia internacional, diretrizes sugeridas pela comunidade financeira internacional, principalmente do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).

No que se refere ao conteúdo econômico do Consenso de Washington, denominação dessas diretrizes, destacam-se estes três objetivos básicos:

[...] a) estabilização da economia (corte no déficit público, combate à inflação), em geral, tendo por elemento central um processo, explícito ou não, de dolarização da economia e sobrevalorização das moedas nacionais; b) reformas estruturais com redução do Estado, através de um programa de privatizações, desregulação dos mercados e liberalização financeira e comercial; c) abertura da economia para atrair investimentos internacionais e retomada do crescimento econômico. (Druck, 1999, p. 23).

Durante o governo Collor teve início o programa de privatizações, a diminuição das barreiras não tarifárias e a redução das alíquotas de importação. Contudo, a partir da eleição de Fernando Henrique Cardoso, em 1995, o Brasil sujeitar-se-á a um maior número de exigências do Consenso de Washington. Com a consolidação do Plano Real ocorreu estabilidade de preços e intensificação da abertura econômica, iniciada no governo Collor, com valorização da moeda e ampliação da demanda.

A partir dos anos de 1990, a indústria calçadista de Franca apresentou queda na produção de calçados, aumento no número de desempregados, diminuição acentuada da exportação. De acordo com Ferreira e Braga Filho (2012), o Plano Real prejudicou a indústria calçadista de Franca, devido à valorização do Real, que colaborou para a diminuição da exportação do setor. Nesse cenário, “a partir de 1994 a quantidade de sapatos destinados ao mercado externo caiu de forma significativa, saindo dos 15,6 milhões de pares exportados

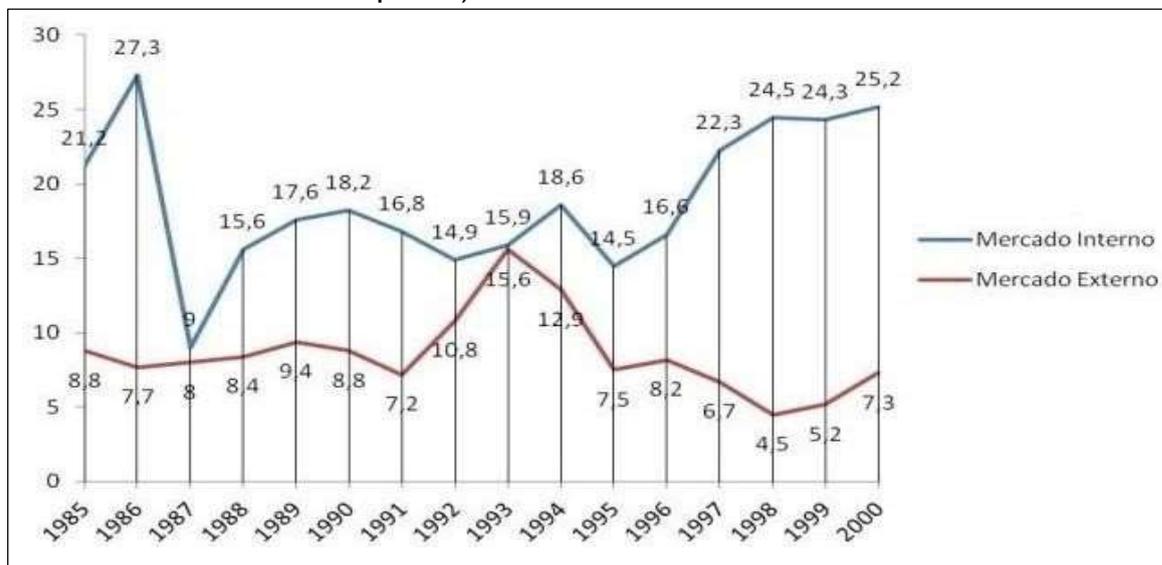
em 1993, 7,5 milhões em 1995, atingindo ainda os 4,5 milhões em 1998” (Ferreira; Braga Filho, 2012, p. 239).

A década de 1990 foi bastante instável em relação às exportações para a indústria calçadista francana. Em 1993 ocorreu o melhor desempenho de todo o tempo das indústrias exportadoras. Porém, a partir de 1994, com a implantação do Plano Real de estabilização econômica, a indústria calçadista francana apresentou redução nas exportações. A redução nas alíquotas de importação, aliada à sobrevalorização da taxa de câmbio, interferiu negativamente na competitividade do setor, tendo como resultados demissões, encerramento de empresas e perda de mercado (Reis, 1994).

A recuperação da indústria calçadista francana ocorreu, ainda na década de 1990, por meio de maior participação no mercado interno. Em 1996, Franca respondia por 38,1% do emprego da indústria calçadista do estado de São Paulo, sendo o município com maior número de trabalhadores nesse setor no Brasil (Constanzi, 1999). No início dos anos 2000, a indústria calçadista francana iniciou um processo de recuperação, inclusive com retomada das exportações, devido à desvalorização do Real, produzindo, no ano de 2004, 35,4 milhões de pares de calçados – considerada a maior produção anual do município em um período de 20 anos. Em 2005, a produção foi de 27,9 milhões de pares, com ociosidade de 7,5%, sendo que em período anterior essa taxa foi de 13% (SINDIFRANCA, 2006).

De acordo com Gráfico 4, nota-se que, no período de 1992-1994, a indústria calçadista de Franca apresentou o melhor desempenho em exportações. Após esse período ocorreu um aumento expressivo da produção destinada ao mercado interno e queda nas exportações.

Gráfico 4 – Destinação da produção da indústria calçadista de Franca (em milhões de pares)



Fonte: (SINDIFRANCA *apud* Ferreira; Braga Filho, 2012, p. 239).

Com a estabilização e valorização do Real, a indústria calçadista de Franca não conseguiu atingir a produção registrada na década de 1980 e início da década de 1990. O Brasil registrou alta nas importações de calçados e aumento da concorrência externa e interna no mercado brasileiro (Braga Filho, 2000). Segundo Braga Filho (2000, p. 145):

[...] a queda verificada nas exportações é acentuada e, como as importações aumentaram, os produtores nacionais voltam-se para o mercado doméstico – em maior proporção os industriais de Franca. Sendo assim a competição passa a ser travada em duas frentes: o aumento das importações expõe os produtores brasileiros diante dos internacionais, que seria a frente externa, e, no plano doméstico, a concorrência entre os próprios fabricantes locais constituir-se-ia na outra ponta, da frente interna. Deste modo, a pressão competitiva aumentou sobremaneira, sobretudo porque se tratava de uma intensa batalha num território de dimensões reduzidas – mercado interno, devido a má distribuição de renda e do baixo consumo per capita de calçados – e na outra extremidade, o câmbio sobrevalorizado dificultava as exportações do produto devido ao seu encarecimento.

Na Tabela 2, pode-se observar o valor das importações de calçados de 1990-2000, período de início da abertura econômica e de final da âncora cambial. As importações apresentaram crescimento no período de 1990-1998, com exceção de 1992, e a após esse período apresentaram queda.

Tabela 2 – Importações, setor de calçado, 1990-2000

<b>Ano</b>	<b>Importações (US\$ milhões)</b>
1990	218,0
1991	232,1
1992	185,8
1993	253,7
1994	295,1
1995	454,1
1996	416,8
1997	424,8
1998	312,0
1999	230,1
2000	271,5

Fonte: (IPEA-DATA *apud* Ferreira; Braga Filho, 2012, p. 240).

Nesse cenário de aumento das importações, associado a uma maior competição interna e diminuição das exportações de calçados brasileiros, a indústria calçadista francana buscou incorporar um conjunto de novas estratégias de produção. Assim,

[...] no início dos anos de 1990, a competição acirrada travada no mercado interno combinada com a diminuição das exportações forçariam as indústrias a um ajuste estrutural mais amplo visando, entre outros objetivos, aumentar a produtividade, reduzir custos – especialmente os da mão de obra – para que pudesse enfrentar a concorrência (interna e externa), compensando, deste modo, a defasagem tecnológica do setor. (Braga Filho, 2000, p. 149).

O processo de reestruturação produtiva foi intensificado no Brasil, e, a partir de 1990, as empresas buscaram por inovações tecnológicas, novos padrões de qualidade e nova gestão da mão de obra. Esse processo está relacionado à crise econômica no mercado interno brasileiro e à abertura econômica iniciada no governo Collor (Gomes, 2011). Para Mendes (1997), com o processo de globalização, intensificou-se o uso de novas tecnologias provocando mudanças na organização e da estrutura das indústrias.

A partir da década de 1990, o acirramento da globalização dos mercados mundiais e a intensificação da concorrência nos mercados interno e externo fizeram com que o processo de reestruturação produtiva no setor calçadista ganhasse impulso. No segmento de

calçados de couro, esse processo ocorreu articulando uma relativa inovação tecnológica com as novas formas de organização e gestão do trabalho. (Navarro, 2006, p. 22).

Para enfrentar essas dificuldades, a indústria calçadista de Franca iniciou um processo de subcontratação de sua produção, com o objetivo de diminuir os custos nas atividades intensivas de uso de mão de obra. De acordo com Gorini e Correa (2000, p. 8), a seção de “pesponto, por exemplo – na qual as peças já cortadas são reunidas por meio de costura e/ou colagem – bastante intenso em mão de obra, gera frequentemente gargalos no processo de produção, o que justifica a terceirização.” Porém, com o processo de terceirização, verifica-se uma precarização da mão de obra.

De acordo com Coutinho e Ferraz (1993), a subcontratação da produção da indústria de calçados de Franca relaciona-se com a informalidade, pois os empresários buscam vantagens de custo apoiados no descumprimento de obrigações fiscais e trabalhistas. Braga Filho (2000, p. 175) pontuou sobre essa questão da seguinte maneira:

[...] a reorganização da indústria de calçados em Franca, ao nosso ver, a partir de 1990, rompe com o modelo de organização industrial tradicional no qual a estrutura de emprego caracterizava-se pela formalidade do emprego assalariado, porém, com menor escala em termos de precarização do trabalho, e adota ou se reorganiza a partir de um modelo totalmente diferenciado do anterior, onde a estrutura de emprego baseia-se na flexibilização e na informalidade, contudo, com uma maior escala em termos de precarização do emprego, isto é, do trabalho sem vínculo empregatício.

A reestruturação da indústria calçadista de Franca teve início em 1996. De acordo com dados da Sindifranca (2010), percebe-se a diminuição no número de empregados no setor, de 26 mil funcionários no ano de 1994 passou para 15 mil funcionários em 1999. A partir de 1996 houve um aumento expressivo no número de pares produzidos pelo setor. Conforme Braga Filho (2000, p. 144), a reestruturação produtiva calçadista de Franca provocou “mudanças que ocorreram sobretudo na relação capital e trabalho, intensificaram a flexibilização do trabalho aumentando a sua precarização, além do desenfreado crescimento do setor denominado informal e da terceirização”.

De acordo com Navarro (2006), essa diminuição do número de funcionários

relaciona-se a intensificação do uso do trabalho informal “as mudanças ocorridas nesse setor produtivo não dependem da incorporação de recursos tecnológicos, mas fundam-se no uso intensivo do trabalho informal nas ‘bancas’ e em domicílio” (Navarro, 2006, p. 424).

De acordo com Barbosa (2006), a reestruturação produtiva da indústria calçadista de Franca, ao mesmo tempo em que produziu um processo de precarização das relações de trabalho, com demissões dos trabalhadores, também favoreceu o desenvolvimento do empreendedorismo entre os trabalhadores do setor calçadista. Devido à difusão do “saber fazer” no interior das fábricas, o que contribuiu com o número de novos empresários com origem no “chão de fábrica”.

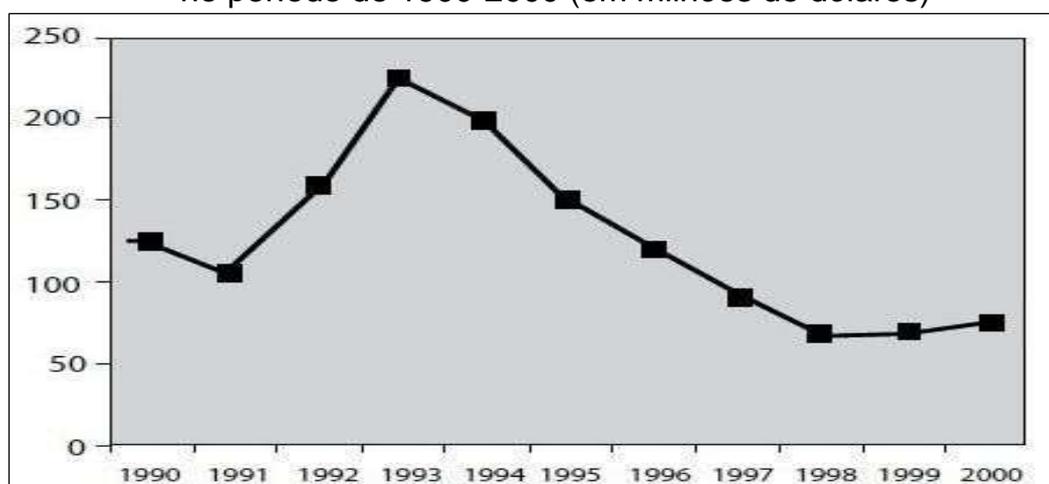
Durante a década de 1990, as indústrias brasileiras calçadistas, as paulistas e gaúchas, passaram por um processo de reestruturação produtiva e territorial, sendo dois fatores principais para essas transformações:

1) As margens de rentabilidade da indústria não atendiam mais aos interesses dos investidores, principalmente em razão de alterações estruturais na economia e da maior competitividade internacional com empresas calçadistas de países asiáticos. 2) As mudanças tecnológicas e produtivas das últimas décadas se apresentaram como estratégias necessárias de organização flexível na busca de mais lucratividade, o que estimulou diferentes práticas de engenharia na produção e novas formas de contratação e subcontratação da força de trabalho, levando a uma maior divisão territorial das etapas do processo produtivo. (Pereira Júnior, 2015a, p. 4801).

De acordo com os Gráficos 5 e 6, sobre a evolução da exportação calçadista de Franca no período de 1900-2000, verifica-se que nos anos de 1992 e 1993 o setor de calçados apresentou uma elevação superior a US\$ 100 milhões de dólares no valor de exportação, de US\$ 100 milhões de dólares para US\$ 225 milhões de dólares, e superior a 100% no número de pares exportados, passando de 7 milhões de pares para 15 milhões de pares exportados. No ano de 1994, o setor calçadista inicia uma acentuada queda nos valores e no número de pares exportados, o que evidencia a instabilidade referente à participação do setor calçadista no mercado externo. No ano de 1997, o valor das exportações e do número de pares exportados apresentou-se abaixo da participação do setor calçadista do início da década de 1990.

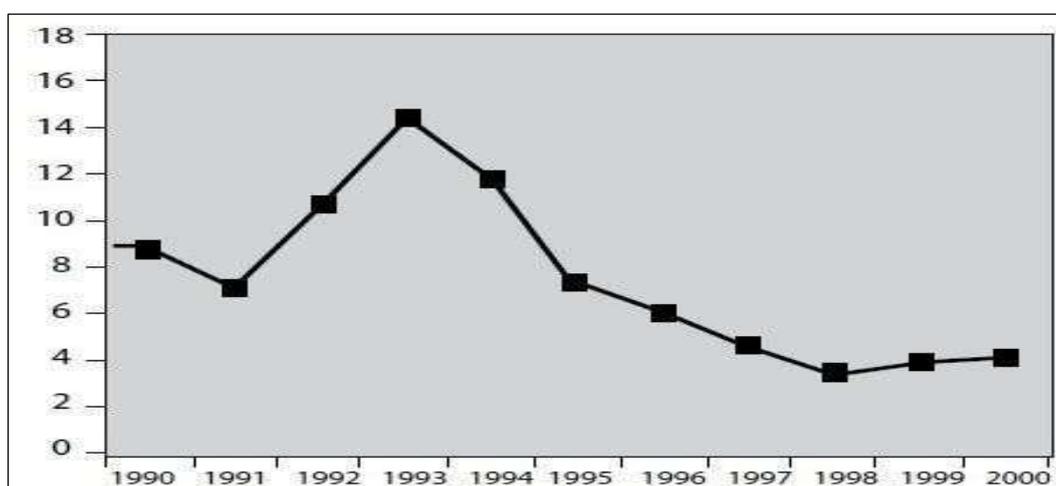
A diminuição das exportações do setor calçadista de Franca refere-se a entrada no mercado internacional da produção calçadista asiática, com destaque para a indústria chinesa.

Gráfico 5 – Evolução do valor das exportações de calçados realizadas no período de 1990-2000 (em milhões de dólares)



Fonte: Elaborado por Barbosa (2016, p. 38), a partir dos dados de Abicalçados (2005).

Gráfico 6 – Evolução do volume das exportações de calçados realizadas no período de 1990-2000 (em milhões de pares)

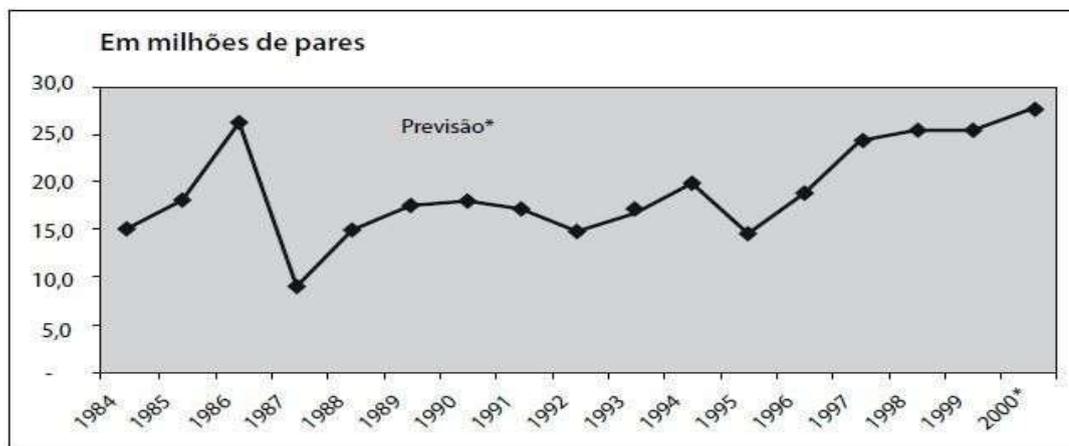


Fonte: Elaborado por Barbosa (2016, p. 38), a partir dos dados de Abicalçados (2005).

De acordo com Gorini *et al.* (2000), no período de 1984-2000, o setor calçadista de Franca apresentou significativo aumento de produção voltada ao mercado interno. Conforme Gráfico 7, nota-se que com exceção do ano de 1987 que apresentou uma queda acentuada superior a 15 milhões de pares a menos

sendo produzidos, o restante do período foi de pequenas oscilações e aumento do número de pares produzidos. Sendo 15 milhões de pares produzidos em 1984, e com previsão de quase 30 milhões de pares produzidos para o mercado interno no ano 2000.

Gráfico 7 - Evolução do volume de vendas no mercado interno realizadas no período de 1984 – 2000 (em milhões de pares)



Fonte: Gorini *et al.* (2000, p. 10).

De acordo com Ferreira e Braga Filho (2012), entre o período de 2005 e 2011, a indústria de calçados de Franca destinou, majoritariamente, sua produção ao mercado interno. Nesse período, os Estados Unidos comportaram-se como principal importador da produção, entretanto as empresas buscaram novos mercados. E no ano de 2011 a Arábia Saudita ocupou a segunda posição em importação de calçados de Franca. As indústrias calçadistas de Franca, a partir de 2010, inserem-se em uma nova tendência, com diferenciação de sua produção por meio de investimento em inovação, desenvolvimento de design próprio, aumentando o valor agregado do produto final, além de investimento em estratégias de marketing, a fim de alcançar novos mercados consumidores.

### 3 DESINDUSTRIALIZAÇÃO: DEFINIÇÕES

Segundo Cano (2012), a transição de um território para a categoria de desenvolvido ou em desenvolvimento ocorre quando ele começa a apresentar resultados em indicadores econômicos fundamentais similares aos já alcançados por países considerados desenvolvidos. Estes indicadores incluem um elevado nível de renda per capita e a redução significativa da participação do setor agrícola no Produto Interno Bruto (PIB) e no emprego. De acordo com o autor, o avanço no processo de industrialização e a subsequente diversificação são essenciais, enquanto a modernização das atividades agrícolas será restrita, dependendo, em grande medida, das importações de matéria-prima, insumos contemporâneos e bens de capital.

Dessa forma, é imperativo que o crescimento da indústria supere o de outros setores, acompanhado pelo aumento da produtividade e pela modificação das estruturas, fator essencial para a diversificação da base exportadora, contribuindo para um equilíbrio na balança comercial. Entende-se que o desenvolvimento de um país não se concretiza sem a experiência do processo de industrialização e a ativa participação do Estado nesse processo. A industrialização também está interligada à urbanização e à diversificação dos serviços oferecidos, como comércio, transporte, finanças, entre outros (Cano, 2012).

Conforme Rowthorn e Ramaswany (1999), o conceito tradicional de desindustrialização, refere-se à diminuição contínua da parcela de emprego na indústria em relação ao emprego total em um país ou região, "a desindustrialização em economias avançadas não é necessariamente um fenômeno indesejável, mas essencialmente uma consequência natural do dinamismo exibido por esses países" (Rowthorn; Ramaswany, 1999, p. 19). Tregenna (2011), ampliou o conceito clássico, incluindo não apenas a diminuição persistente da participação do emprego industrial no emprego total, mas também a caracterização da desindustrialização pela redução do valor adicionado da indústria em relação ao PIB.

A desindustrialização resulta da interação de vários fatores, como destacado por Rowthorn e Ramaswany (1999), como a transferência da força de trabalho da indústria para o setor de serviços, ou seja, terceirização. As atividades previamente executadas por indústrias são agora conduzidas por empresas

especializadas no setor terciário. Assim, embora o emprego esteja relacionado à indústria, ele é registrado estatisticamente como pertencente ao setor de serviços; também à medida que a renda per capita cresce de forma constante, a elasticidade da demanda por produtos industriais tende a diminuir, resultando na perda de participação relativa no PIB para outros setores, principalmente os serviços. Dessa forma, conforme esse processo se desenvolve, a participação do emprego industrial também diminui em comparação com o aumento do emprego nos demais setores; outro fator é o baixo custo da mão de obra e o crescimento da terceirização em países em desenvolvimento tornam seus produtos mais competitivos, impulsionando as exportações para as nações industrializadas e, conseqüentemente, reduzindo o emprego industrial nesses últimos.

Conforme destacado por Rowthorn e Ramaswany (1999), a desindustrialização pode resultar de influências tanto internas quanto externas a uma economia específica. Os fatores internos podem ser resumidos em dois principais aspectos: uma alteração na relação entre a elasticidade da demanda por produtos manufaturados e serviços em relação à renda, e o crescimento mais acelerado da produtividade na indústria em comparação com o setor de serviços.

As influências externas que conduzem à desindustrialização estão associados ao nível de integração comercial e produtiva entre as economias, isto é, ao estágio atingido pelo processo de "globalização". Nesse cenário, diferentes países podem optar por se especializar na produção de manufaturados, como observado na China e na Alemanha, ou na produção de serviços, como é o caso dos Estados Unidos e do Reino Unido. Além disso, alguns países podem escolher especializar-se na fabricação de produtos manufaturados intensivos em mão de obra qualificada, enquanto outros podem focar na produção de manufaturados intensivos em mão de obra não qualificada. Esse modelo de desenvolvimento resulta na diminuição do emprego industrial, em termos relativos, no primeiro caso e no aumento do emprego industrial no segundo caso (Rowthorn; Ramaswany, 1999).

Os autores pontuam que a desindustrialização pode se manifestar mesmo que a indústria apresente crescimento em termos absolutos. Para isso, basta que o valor adicionado e/ou a participação do emprego industrial no total cresça menos que os outros setores, como o de serviços por exemplo.

No período de 1963 a 1994, Rowthorn e Ramaswany (1999), realizaram uma

pesquisa em 18 países industrializados e apresentaram algumas considerações referentes ao processo de desindustrialização. Uma consideração consiste na taxa de variação da produtividade do trabalho sendo a variável que explica a alteração nos preços relativos. Como segundo ponto, a correlação entre a participação industrial no PIB e o nível de renda per capita, indica que a participação industrial tende a diminuir quando a renda per capita atinge um patamar considerado elevado. Outro fator refere-se ao aumento expressivo da formação bruta de capital fixo tende a impulsionar a participação de produtos manufaturados no PIB. Uma consideração importante relaciona-se às evidências consistentes que indicam um notável aumento na participação proporcional do emprego no setor manufatureiro em relação ao emprego total nas fases iniciais e intermediárias do desenvolvimento, acompanhado de uma diminuição dessa contribuição ao atingir níveis mais elevados de renda per capita.

Por fim destaca-se a indicação que a concorrência com produtos importados de países em desenvolvimento, muitas vezes caracterizados pela intensidade de trabalho e/ou recursos naturais, tem um efeito marginal na diminuição da participação do emprego no setor manufatureiro. Em última instância, seu impacto primordial é estimular a produtividade na indústria manufatureira dos países desenvolvidos, conduzindo a uma maior especialização em produtos intensivos em capital e/ou de alta tecnologia, frequentemente menos dependentes de mão de obra (Rowthorn; Ramaswamy, 1999).

Bresser-Pereira (2008a) aponta, se a desindustrialização estiver associada a uma primarização da estrutura de exportações, isto é, a uma inversão na composição das exportações no sentido de commodities, produtos primários ou manufaturas com baixo valor agregado, ou também com baixo teor tecnológico; então isso pode indicar a presença da "doença holandesa", que é a desindustrialização resultante da valorização da taxa de câmbio real decorrente da descoberta de recursos naturais escassos em um determinado país ou região. Nesse cenário, a desindustrialização é considerada negativa, pois resulta de uma ineficiência de mercado na qual a presença ou descoberta de recursos naturais escassos, para os quais o preço de mercado é superior ao custo marginal social de produção, provoca uma valorização da taxa de câmbio real, gerando assim uma externalidade negativa sobre o setor que produz bens manufaturados.

Enquanto que a desindustrialização considerada positiva, ocorre quando a

diminuição da participação da indústria no emprego e no valor adicionado pode ocorrer devido à transferência para o exterior de atividades manufatureiras mais intensivas em mão de obra e/ou com menor valor agregado. Se isso ocorrer, a desindustrialização pode estar associada a um aumento na representação de produtos com maior conteúdo tecnológico e maior valor agregado nas exportações (Bresser-Pereira, 2008a).

A teoria da doença holandesa foi formulada por W. Max Corden e J. Peter Neary, que analisaram a evolução da indústria na Holanda durante a década de 1960. Os autores observaram que esse setor perdeu relevância e dinamismo econômico devido às receitas provenientes da exploração de gás natural. Concluiu-se que as exportações desse fluido desencadearam uma movimentação de moeda estrangeira que valorizou a moeda nacional, prejudicando a competitividade das indústrias holandesas.

É uma falha de mercado porque o setor produtor de bens intensivos em recursos naturais gera uma externalidade negativa sobre os demais setores da economia impedindo que esses setores se desenvolvam, não obstante usem a tecnologia no estado da arte. (Bresser-Pereira, 2008a, p. 52).

O fenômeno da “doença holandesa” foi minuciosamente explicado por Bresser-Pereira (2008a), por meio das condições que envolvem a expansão do setor em crescimento. Sua perspectiva sobre essa questão não se afasta muito da proposta original relacionada ao problema; no entanto, ele destaca que a “doença holandesa” deve ser abordada de maneira rigorosa para garantir a continuidade do processo de desenvolvimento econômico do país, independentemente de este ser desenvolvido ou em desenvolvimento.

Destaca-se, igualmente, que os efeitos dessa “doença” manifestam-se no setor de serviços, refletindo na geração de empregos em atividades mais suscetíveis às variações de renda, como é o caso da expansão da mão-de-obra no comércio. A doença holandesa evidencia a nocividade do processo de desindustrialização para a economia; no entanto, há uma abordagem alternativa para a questão da diminuição da participação da indústria na economia: a mudança estrutural.

A desindustrialização causada pela “doença holandesa” é também denominada de “desindustrialização precoce”; uma vez que a mesma se iniciaria a um nível de renda *per capita* inferior ao observado nos países desenvolvidos quando os mesmos iniciaram o seu processo

de desindustrialização. Sendo assim, os países afetados pela "doença holandesa" iniciam o seu processo de desindustrialização sem terem alcançado o "ponto de maturidade" de suas respectivas estruturas industriais e, portanto, sem ter esgotado todas as possibilidades de desenvolvimento econômico que são permitidas pelo processo de industrialização. (Oreiro; Feijó, 2010, p. 223).

### 3.1 O PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRO

Conforme Bresser-Pereira (2012a), países desenvolvidos, ao atingirem um certo nível de renda per capita, iniciam o processo de desindustrialização devido à competição com países onde a mão de obra é mais barata. Como resultado, esses países deixam de produzir bens industriais, especialmente os de baixa tecnologia, deslocando sua mão de obra para setores de serviços com maior intensidade tecnológica, renda per capita mais elevada e maior valor adicionado. Dessa forma, os salários médios também se elevam. Quando esse processo ocorre desse modo, a desindustrialização não é prejudicial. No entanto, em países como o Brasil, que possuem uma renda per capita mais baixa, essa transformação é considerada prematura.

Os principais pesquisadores brasileiros que defendem a teoria da desindustrialização no Brasil, são Bresser-Pereira (2009; 2012a, 2012b; 2019); Cano (2012); Coronel (2013; 2020); Marconi (2015) e Pochmann (2016).

Conforme dados, de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a participação da indústria de transformação brasileira no PIB tem diminuído, considerando que sua representação, que atingiu 30% do PIB na década de 1980, reduziu-se para 13,3% em 2012, e a previsão para 2029 é inferior a 10%, mantendo-se nesse declínio constante. Essa substancial queda tem gerado discussões sobre a suposição de que a economia brasileira esteja passando por um processo de desindustrialização.

De acordo com Colombo, Felipe e Sampaio (2019), dentro do contexto da economia brasileira, a discussão sobre o fenômeno da desindustrialização, pode ser categorizada em quatro principais correntes: ortodoxos; novos desenvolvimentistas; estruturalistas e industrialistas, conforme Quadro 3.

Quadro 3 – Síntese das perspectivas sobre o fenômeno de desindustrialização no Brasil

<b>Vertente</b>	<b>Principais Autores</b>	<b>Motivos - Causas</b>	<b>Resoluções</b>
Ortodoxa	Regis Bonelli, Edmar Bacha, Monica De Bolle, Silvia Matos, Alexandre Schwartman	Abertura Comercial Insuficiente	Nova rodada de abertura comercial buscando aumento da produtividade.
Novo Desenvolvimentista	Bresser-Pereira, José Oreiro, Nelson Marconi, André Nassif, Carmem Feijó	Doença holandesa	Neutralização da doença holandesa através da desvalorização cambial (Câmbio industrial).
Estruturalista	Wilson Cano, Luiz Beluzzo, Ricardo Carneiro	Abertura Comercial, Crise da dívida, Gap tecnológico	Política industrial forte, aumento significativo do investimento estatal e mudança radical do ambiente macroeconômico.
Industrialista	Luciano Coutinho, David Kupfer, João Ferraz, Mariano Laplane, Fernando Sarti, Célio Hiratuka, Clélio Diniz, Carmem Feijó, André Nassif	Ausência de coordenação entre iniciativa pública e privada. Falling Behind	Política industrial forte com foco na inovação, retomada do processo de catching up, busca por modernização de bens de capital.

Fonte: Colombo, Felipe e Sampaio (2019, p. 18).

Na vertente ortodoxa, os principais pesquisadores baseiam-se no modelo no qual a indústria não exhibe as vantagens em comparação com outros setores, indicando que a eventual perda do papel de propulsor de crescimento para a indústria em um país específico não seria considerada um problema grave, conforme observado por Oreiro e Feijó (2010, p. 223):

No contexto dos modelos neoclássicos de crescimento a ocorrência ou não do fenômeno da desindustrialização é irrelevante, haja vista o crescimento de longo prazo é consequência apenas da “acumulação de fatores” e do “progresso tecnológico”, sendo independente da composição setorial da produção. Para esses modelos, uma unidade de valor adicionado tem o mesmo significado para o crescimento de longo prazo seja ela gerada na indústria, na agricultura e no setor de serviços.

O estudo de Bonelli (2005) é pioneiro na fundamentação do pensamento dessa abordagem e um dos primeiros a propor a questão da desindustrialização brasileira, o autor utiliza-se de um indicador relacionado ao emprego para compreender se o país enfrentava um processo de desindustrialização. A conclusão da pesquisa, revela que o processo ocorreu efetivamente nos anos de 1990 e que suas causas estavam mais relacionadas a fatores externos do que internos. Destaca que a abertura comercial, durante a década de 1990, foi algo positivo, incentivando o aumento da produtividade na indústria.

Para Bonelli (2005), mesmo que a abertura comercial tenha prejudicado a indústria nacional a curto prazo, a longo prazo esse elemento torna-se positivo para a evolução da indústria brasileira. A abertura comercial incentivou a indústria do país a um novo patamar de competitividade, resultando em aumento de produtividade, devido ao excessivo protecionismo existente até os anos de 1980, o que limitava a competição. Para o autor, a informalidade restringia a produtividade industrial, com proposta de flexibilização das leis trabalhistas para atenuar esse problema, com a redução de custos de produção e estímulo ao aumento do emprego industrial, bem como o aumento da produção.

Na vertente novo desenvolvimentista, tem-se as ideias de Bresser-Pereira (2006, 2008), como orientadoras para a economia, como motivações para reformas institucionais e diretrizes para variáveis macroeconômicas. Essas referências são concebidas como propícias para que um país em desenvolvimento, no médio e longo prazo, possa atingir um crescimento econômico, em níveis de renda per capita e de desenvolvimento similares aos de países desenvolvidos. Como fator determinante, esse modelo de crescimento baseia-se nas exportações, especialmente as manufaturas, contribuindo para um progresso tecnológico.

A taxa de câmbio é o fator fundamental para o êxito desse modelo, e, portanto, depende que o governo a mantenha, a longo prazo, em um patamar que garanta a competitividade no panorama internacional. O equilíbrio das finanças governamentais deve ser garantido, afim de proporcionar investimentos públicos em infraestrutura e promover o investimento privado.

[...] dessa forma o modelo de desenvolvimento que esses países adotaram na fase inicial do seu processo de industrialização, o qual era baseado na substituição de importações se esgotou no início da década de 1970...o novo desenvolvimentismo não é protecionista. Como a fase de indústria infante foi superada, as empresas dos países

de renda média devem ser competitivas em todos os setores industriais aos que se dedicarem, devendo inclusive ser competitivas o suficiente para exportar. (Oreiro, 2016, p. 149).

Conforme Oreiro (2016), os dois principais grandes pilares da vertente novo desenvolvimentista referem-se, como primeiro fator a implementação de um regime cambial assegurando uma taxa de câmbio competitiva, presença de infraestrutura apropriada, especialmente voltada para as demandas de empresas exportadoras, incentivo para a realização de investimentos em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias inovadoras, juntamente com o aperfeiçoamento da qualificação da mão de obra. Como segundo pilar, o autor pontua:

[...] aumento da poupança do setor público... aumento (significativo) dos investimentos público em infraestrutura, aumento dos gastos em educação primária e secundária, juntamente com aumento dos gastos na formação técnica industrial e serviços... aumento do financiamento público para investimento de adoção de novas tecnologias por parte das empresas. (Oreiro, 2016, p. 150).

Na vertente estruturalista, os principais pesquisadores são Ricupero (2014); Carneiro (2008); Cano (2012) e Belluzzo (2014). Os autores empregam uma abordagem que visa elucidar o fenômeno da desindustrialização, experimentado pelo Brasil, por meio de uma análise histórica.

Conforme Carneiro (2008), acontecimentos históricos, sobretudo a partir da década de 1980, desempenharam um papel significativo no desencadeamento e na persistência do processo de desindustrialização no Brasil.

O primeiro marco relevante foi a crise da dívida externa nos primeiros anos dessa década, uma parcela considerável dos empréstimos obtidos, durante o regime militar, para a implementação do 2º Plano Nacional de Desenvolvimento foi adquirida mediante taxas de juros flutuantes e prazos relativamente curtos. Em 1979, com a elevação das taxas de juros pelo Banco Central Estadunidense, alterou de forma exponencial a dinâmica de amortização e rolagem da dívida, “com isso a dívida externa brasileira aumentou de maneira substancial, o que somado ao segundo choque do petróleo, provocou um período marcado pela hiperinflação e ajuste externo” (Colombo; Felipe; Sampaio, 2019, p. 11).

Na década de 1990, o país presenciou a implementação de políticas neoliberais, com prejuízos ao setor industrial brasileiro. Esse período foi caracterizado por políticas macroeconômicas pautadas por elevadas taxas de

juros, uma valorização excessiva da moeda, restrições fiscais, juntamente com a abertura comercial e financeira realizada sem um controle adequado.

No bojo dessa política uma variável crucial à qual se atribuiu um papel associado essencialmente à estabilização de preços foi a taxa de câmbio. Do uso recorrente da taxa de câmbio como instrumento de estabilização, e dos ciclos de liquidez internacional, decorreu um perfil de flutuação cíclica acentuado da taxa de câmbio real bem como episódios recorrentes de forte apreciação. (Carneiro, 2008, p. 32).

Essas medidas reduziram o dinamismo da indústria nacional e desempenharam um papel significativo no processo de desindustrialização precoce. Isso ocorreu porque, além de prejudicarem substancialmente a indústria brasileira, essas medidas foram implementadas em um momento em que as nações asiáticas emergiam como novas competidoras de produtos manufaturados no cenário internacional (Carneiro, 2008).

Conforme apontado por Belluzzo (2014), o fenômeno da desindustrialização é desencadeado devido a obsolescência da tecnologia empregada nas unidades industriais brasileiras em comparação com a tecnologia utilizada na produção dos países desenvolvidos, resultando em uma defasagem tecnológica (gap tecnológico).

Por meio da substituição de importações, até meados da década de 1980, o país obteve sucesso considerável ao tentar integrar setores de alta tecnologia. Contudo, no período subsequente, ocorreu exatamente o oposto, em vez de realizar um desenvolvimento tecnológico que se aproximasse aos dos países desenvolvidos, a economia brasileira mostrou-se ineficiente em termos de avanço econômico e tecnológico (Belluzzo, 2014).

Para Bresser-Pereira (2008b), o progresso econômico de uma nação envolve a acumulação de capital e a integração do avanço técnico no trabalho e no capital, culminando no incremento da produtividade, dos salários e no aprimoramento do padrão médio de vida da população.

O desenvolvimento econômico supõe uma sociedade capitalista organizada na forma de um estado-nação onde há empresários e trabalhadores, lucros e salários, acumulação de capital e progresso técnico, um mercado coordenando o sistema econômico e um estado regulando esse mercado e complementando sua ação coordenadora. [...] O aumento da produtividade ou da produção por trabalhador ocorre tanto na produção dos mesmos bens através da redução sistemática da quantidade de trabalho simples utilizado, quanto

através da transferência da mão-de-obra para setores com maior conteúdo tecnológico ou maior valor adicionado per capita. (Bresser-Pereira, 2008b, p. 1).

De acordo com Cano (2012), a progressiva perda de competitividade da indústria brasileira em relação a outras nações, baseia-se em cinco fatores: câmbio excessivamente valorizado; abertura comercial; taxa de juros elevada; redução do investimento direto estrangeiro; e a prática de política protecionista por outros países de 2007 em diante, depois da desaceleração da economia mundial. A política cambial vigente, implementada a partir do Plano Real, com as reformas voltadas para a liberalização econômica e a busca pela estabilidade. A excessiva valorização da taxa de câmbio desempenha o papel de âncora para o controle dos preços, contando com o respaldo "logístico" dos elevados juros reais e da política fiscal.

A abertura descontrolada que o Brasil experimentou desde 1989, ainda durante o governo de José Sarney (1985-1990), quando ocorreu uma primeira investida contra as proteções existentes sobre as importações. Essa iniciativa ganhou maior impulso durante o governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992), em 1990, e foi ampliada novamente durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), a partir de 1994. A liberalização comercial, marcada pela redução das tarifas e de outros mecanismos protecionistas da indústria nacional, somou-se aos efeitos prejudiciais da valorização cambial, resultando em uma significativa diminuição do grau de proteção diante da concorrência internacional.

A opção por um desenvolvimento subordinado à penetração internacional expôs fortemente a estrutura produtiva industrial brasileira à concorrência externa, transferindo para a economia nacional os riscos e as incertezas comuns ao mercado mundial. Essa abertura comercial e financeira submeteu a indústria de transformação, em crise, a um nível crescente de competição com empresas internacionais, reduzindo suas margens de lucro e implicando a diversos segmentos da produção uma significativa perda de empregos. (Pereira Júnior, 2015b, p. 195).

A elevada taxa de juros no país, o que proporciona ao empresário, uma comparação com a taxa de lucro, visando a acumulação de capital, no setor financeiro, esses ganhos têm sido notavelmente elevados. A taxa de lucro na economia industrial contemporânea é relativamente moderada. No entanto, quando confrontada com a taxa de juros oficial brasileira, o empresário nacional

monitora atentamente esse fenômeno e só decide investir em último caso, sendo praticamente obrigado a fazê-lo. Em situações contrárias, enfrenta a ameaça de falência e encerramento. Nessas condições, o investimento é fortemente desencorajado, deixando a indústria vulnerável. Uma indústria que não investe envelhece, torna-se parcialmente obsoleta, não experimenta crescimento e enfrenta enormes dificuldades para incorporar avanços técnicos. Com perda de produtividade, oportunidade e competitividade, tornando-se um obstáculo significativo para o desenvolvimento econômico do país (Cano, 2012).

A diminuição do investimento direto estrangeiro, faz com que seja necessário subtrair do montante total de capital estrangeiro os investimentos em carteira, em títulos privados e na dívida pública, que geralmente possuem natureza predominantemente especulativa. A produtividade e competitividade da indústria brasileira foram contidas e, em muitos casos, diminuíram, o que foi prontamente percebido pelo capital. Simultaneamente, ocorreu uma mudança significativa de investimento direto estrangeiro, predominantemente originário dos Estados Unidos e da Ásia, em direção à China, em busca de mão de obra mais barata, uma moeda desvalorizada e maior competitividade (Cano, 2012).

Por essa razão, uma parcela substancial do investimento estrangeiro realocou-se para a China, visando custos de produção mais baixos, abandonando ou reduzindo sua presença em áreas anteriormente dominadas, como, por exemplo, a região norte do México. Tendo como efeitos prejudiciais internos, o declínio na competitividade das exportações industriais brasileiras, especialmente no segmento de produtos manufaturados, e deslocamento de parte delas para o mercado tradicional, como o dos Estados Unidos, em decorrência da presença dominante dos produtos chineses, e o acentuado aumento das importações desses produtos, abrangendo tanto bens finais de consumo ou de capital, quanto insumos industriais diversos, com destaque para os setores químico e eletrônico, impactando adversamente várias cadeias produtivas da indústria brasileira.

Os fenômenos se desencadearam concomitantemente ao momento em que grandes capitais industriais do mundo, em especial os norte-americanos e europeus, migraram para a China, reduzindo sua presença em economias consolidadas ou em consolidação. Além de perder antigos mercados, como os Estados Unidos, a indústria de transformação brasileira sentiu um efeito de perda de

competitividade em alguns setores, tendo que lidar com os produtos importados chineses penetrando no próprio mercado nacional. (Pereira Júnior, 2019, p. 4).

Na vertente industrialista, tem-se o cerne na busca por uma indústria competitiva em escala global, onde a inovação é um fator central. Com destaque para a importância de atentar-se aos novos paradigmas de produção. Seu foco está em aumentar a produtividade na indústria de transformação, garantindo que as unidades industriais estejam atualizadas, preferencialmente adotando as novas técnicas de produção disponíveis, a fim de manter ou até mesmo aprimorar a eficiência. Os principais representantes dessa vertente, são: Laplane (2006, 2015); Ferraz, Marques e Alves Júnior (2015); Hiratuka e Sarti (2017); Diniz (2017) e Coutinho (2018).

De acordo com Laplane (2006), a performance econômica aquém do desejado no Brasil pode, pelo menos em parte, ser atribuída ao crescimento moderado do setor industrial. No período de 1990 a 2015, os concorrentes do Brasil intensificaram sua competitividade na indústria, fortalecendo suas economias por meio da busca de economias de escala, do estabelecimento de empresas industriais com presença global, da parceria com corporações multinacionais, da conquista de parcelas significativas nos mercados das economias desenvolvidas e do reforço da capacidade inovadora.

Conforme Ferraz, Marques e Alves Júnior (2015), a competitividade da indústria brasileira foi comprometida internamente nas próprias empresas, refletindo níveis de produtividade reduzidos devido, entre outros fatores, à idade média elevada dos bens de capital e à insuficiente alocação de recursos em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação. Esses elementos, em conjunto, resultaram em sérias limitações para a indústria brasileira.

Para Hiratuka e Sarti (2017), torna-se necessário delinear um novo plano para o futuro da indústria nacional, superando as décadas de estagnação vivenciadas após os anos 1980. O propósito é possibilitar que a indústria recupere uma posição de destaque no desenvolvimento econômico do país. Os autores propõem medidas, ao curto e longo prazo, para revitalização da indústria brasileira.

No curto prazo, propõe-se impulsionar a revitalização por meio da demanda doméstica, compreendendo tanto o consumo quanto o investimento. A ideia é manter elevada a competitividade dos setores mais consolidados, destacando a importância

de um conjunto que envolva uma demanda dinâmica e uma oferta competitiva como referência para retomar o crescimento industrial (Hiratuka; Sarti, 2017).

As mudanças estruturais, a médio e longo prazos, deverão proporcionar diminuição na sua dependência do mercado doméstico e fortalecer o seu potencial de crescimento e acumulação por meio de um processo acentuado de internacionalização comercial e produtiva. Pontuando as seguintes mudanças estruturais:

a) ampliação da capacidade de produção, de inovação, de diferenciação e de agregação de valor; b) modernização e ampliação da infraestrutura; c) reestruturação patrimonial e consolidação de empresas líderes e de grupos econômicos para a ampliação da escala empresarial; d) maior integração dos sistemas de produção, distribuição e comercialização; e) ampliação e melhoria das funções corporativas das filiais de empresas estrangeiras no âmbito da cadeia global de valor; f) maior inserção exportadora em setores de maior conteúdo tecnológico e maior agregação de valor; e g) ampliação do grau de internacionalização produtiva das empresas nacionais. (Hiratuka; Sarti, 2017, p. 25).

De acordo com Diniz (2017), a partir de 2003, notou-se um estímulo por parte do Estado para estimular a demanda interna, por meio de políticas que elevaram de maneira significativa o emprego, os salários e o crédito para consumo. Isso, por sua vez, impulsionou o consumo de produtos manufaturados. Contudo, a indústria nacional não conseguiu acompanhar esse aumento na mesma escala, resultando em um crescimento das importações de bens manufaturados e em um déficit na balança comercial desses produtos. A razão para essa limitada resposta da oferta, mesmo diante de um forte estímulo à demanda, pode ser atribuída as características históricas da indústria manufatureira brasileira, como a insuficiente formação bruta de capital fixo, a mão de obra pouco qualificada e a escassa capacidade e interesse em fomentar inovações.

Para enfrentar o atraso da indústria brasileira, torna-se necessário, a elaboração de uma proposta que demande a criação de um plano nacional de desenvolvimento, alinhando e sincronizando aspectos macroeconômicos (como câmbio, juros e impostos) com as especificidades setoriais, além de integrar as várias instituições e órgãos governamentais:

a) Adequação e estabilização das políticas cambial e de comércio exterior; b) Ajuste da política monetária; c) Envolvimento do sistema empresarial; d) Estímulo e condicionante ao capital estrangeiro para internalizar o esforço de P&D; e) Arrojado programa de ciência, tecnologia e inovação; f) Avanço da educação básica e profissionalizante; g) Expansão e modernização da infraestrutura; h) Reforma do sistema tributário; i) Redução dos entraves burocráticos e melhoria da gestão. (Diniz, 2017, p. 24).

Para Coutinho (2018), a relevância do setor de bens de capital é apontada, não apenas por sua capacidade de gerar renda e emprego por meio do efeito multiplicador, mas também pela sua significativa contribuição para a formação de clusters, promovida pela proximidade e interação entre os produtores desse bem. A proximidade facilita a emergência de inovações, resultando em ganhos aprimorados de produtividade. No entanto, este setor, que desempenha um papel estratégico na indústria de transformação de qualquer país, tem enfrentado perdas significativas devido ao processo de desindustrialização ocorrido nas últimas décadas.

As quatro vertentes sobre a desindustrialização brasileira, apresentadas a partir do quadro síntese elaborado por Colombo, Felipe e Sampaio (2019), evidenciam a existência de semelhanças entre as abordagens, apesar de apresentarem características que as distinguem.

### 3.2 DESINDUSTRIALIZAÇÃO EM FRANCA

No final dos anos de 1980, o setor produtivo brasileiro, especialmente a indústria calçadista, apresentava um parque industrial obsoleto e a maior parte das exportações era destinada ao mercado estadunidense. A abertura comercial implementada no primeiro mandato presidencial de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), com redução das tarifas de importação, juntamente com políticas econômicas com carga tributária elevada, câmbio valorizado e altas taxas de juros, impactaram significativamente a indústria de transformação como um todo, especialmente a indústria produtora de calçado.

Com essas medidas adotadas pelo país, houve uma elevação nos preços dos calçados fabricados no Brasil, o que causou prejuízos às indústrias calçadistas nacionais em comparação à produção de calçados do continente asiático, que passa a ser o principal concorrente do país. As indústrias calçadistas brasileiras

perderam espaço tanto nas exportações de calçados, como no próprio mercado brasileiro. Durante a década de 1990, a China aumentou sua produção calçadista em 78%, a Índia em 66%, enquanto que o Brasil apresentou retração de 1,7% (ABICALÇADOS, 2020).

Em estudo realizado por Considera, Kelly e Trece (2022), o desempenho da indústria de transformação brasileira foi analisado em três décadas subsequentes, de 1990-1999; de 2000-2009 e de 2010-2019. O resultado da indústria de calçados brasileira durante as três décadas foi de saldo negativo para média de variação de produtividade anual.

De acordo com a Tabela 3 com a evolução no número de estabelecimentos industriais calçadistas, nota-se a diminuição da participação da indústria de calçados no total de indústrias do município de Franca. No ano de 2010, a participação da indústria de calçados representava 17% das indústrias municipais e no ano de 2021, essa participação foi de 8%, evidenciando o declínio no número de indústrias calçadistas no município.

Tabela 3 – Total de indústrias no município de Franca e representação das indústrias calçadistas

<b>Ano</b>	<b>Indústria Calçadista</b>	<b>Total de indústrias</b>
2010	2712	16167
2011	2745	16581
2012	2581	16581
2013	2539	16610
2014	2440	16759
2015	2223	15901
2016	2067	15309
2017	1800	14617
2018	1616	14410
2019	1526	15143
2020	1404	15558
2021	1361	16346

Fonte: Cadastro Central de Empresas (IBGE, 2022c).

Conforme Tabela 4 e Gráfico 8 das informações de calçados, couro e café no município de Franca, nota-se que a indústria de calçados apresentou uma tendência geral de declínio nas exportações desde 2010 até 2019, com uma leve

recuperação em 2021 e 2022, seguida por uma queda novamente em 2023. A queda mais significativa ocorreu em 2020, com uma redução drástica nas exportações, isso pode ser atribuído a fatores como crises econômicas, mudanças nas preferências dos consumidores ou eventos globais, como a pandemia de COVID-19. A recuperação em 2021 e 2022 sugere uma possível retomada da demanda por calçados brasileiros no mercado internacional.

No setor de couro e bolsas as exportações desse setor mostram uma certa flutuação ao longo dos anos, com picos em 2011, 2014 e 2021. No entanto, houve uma tendência geral de declínio nas exportações a partir de 2014, com algumas oscilações, seguida por uma recuperação em 2021, no ano de 2023, ocorreu uma leve queda em relação ao ano anterior.

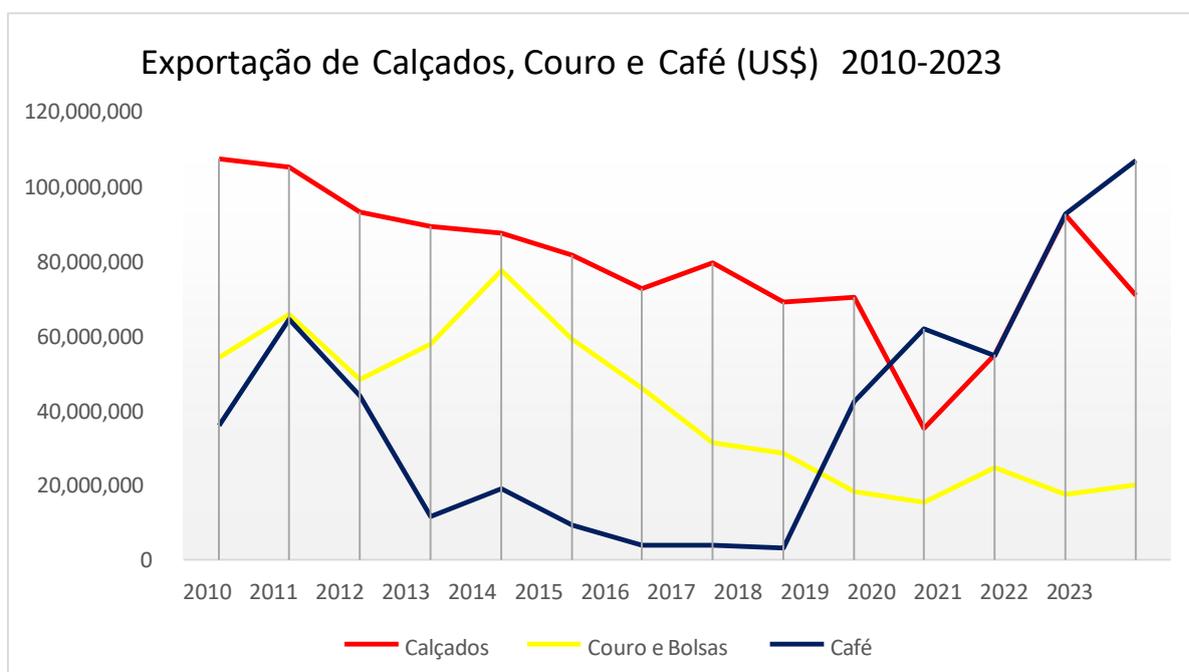
As exportações de café mostram uma variabilidade significativa ao longo dos anos, com picos em 2011, 2019, 2022 e 2023. Houve uma queda substancial em 2013, seguida por uma recuperação gradual nos anos seguintes. Um destaque notável é o aumento acentuado nas exportações de café em 2022 e 2023, indicando uma demanda crescente por esse produto.

Tabela 4 – Evolução das Exportações de Calçados, Couro e Café em Franca-SP, 2010-2023

<b>Comparação das Exportações de Calçados, Couro e Café em Franca-SP, 2010-2023</b>				
<b>Ano</b>	<b>Calçados</b>	<b>Couro e Bolsas</b>	<b>Café</b>	<b>Total</b>
2010	107.419.463	54.304.662	36.040.034	205.685.863
2011	105.158.605	65.648.353	64.442.371	243.006.587
2012	93.234.371	48.439.520	43.992.976	193.652.847
2013	89.216.777	57.705.750	11.565.785	167.240.851
2014	87.549.871	77.492.320	19.086.033	192.759.098
2015	81.560.866	59.163.488	9.241.342	158.453.925
2016	72.725.103	45.923.492	3.915.290	130.045.173
2017	79.582.709	31.492.183	3.923.197	123.543.065
2018	69.003.687	28.699.344	3.219.239	109.222.764
2019	70.308.421	18.327.297	42.466.268	137.136.742
2020	35.245.177	15.433.713	61.784.370	118.584.754
2021	55.021.990	24.615.335	54.763.196	140.997.279
2022	92.511.868	17.641.233	92.637.737	219.111.999
2023	70.857.360	20.033.202	106.971.498	218.278.354

Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, baseado em COMEX STAT (MDIC, 2023).

Gráfico 8 – Evolução das Exportações de Calçados, Couro e Café em Franca-SP, 2010-2023



Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, baseado em COMEX STAT (MDIC, 2023).

O total das exportações desses setores mostrou flutuações ao longo dos anos, com um pico em 2022, seguido por uma queda em 2023. O ano de 2022 registrou um aumento significativo nas exportações totais, impulsionado principalmente pelo aumento nas exportações de café.

A análise da tabela sugere que cada setor teve sua própria trajetória ao longo dos anos, com flutuações e tendências específicas. Enquanto as exportações de calçados e couro/bolsas mostraram certa instabilidade, as exportações de café apresentaram uma tendência mais consistente de crescimento, com picos notáveis nos últimos anos. Torna-se importante observar a importância da exportação de café para o município, o ano de 2022 foi muito significativo, pois a exportação de calçados foi ultrapassada pela exportação dessa commodity.

Ao longo do período analisado, as exportações de calçados geralmente foram mais altas do que as exportações de couro e bolsas. No entanto, ambas as indústrias enfrentaram desafios semelhantes, como a concorrência global e mudanças nas preferências do consumidor.

A queda acentuada nas exportações de calçados e couro em 2020 pode ser atribuída em parte aos impactos econômicos da pandemia de COVID-19, que

afetou o comércio internacional e a demanda por bens não essenciais.

As exportações de calçados e couro em Franca podem continuar a ser influenciadas por fatores globais, como a recuperação econômica pós- pandemia, mudanças nas políticas comerciais e evoluções tecnológicas. Monitorar de perto essas tendências e adaptar estratégias de negócios e políticas governamentais pode ser fundamental para promover o crescimento e a competitividade desses setores no mercado internacional.

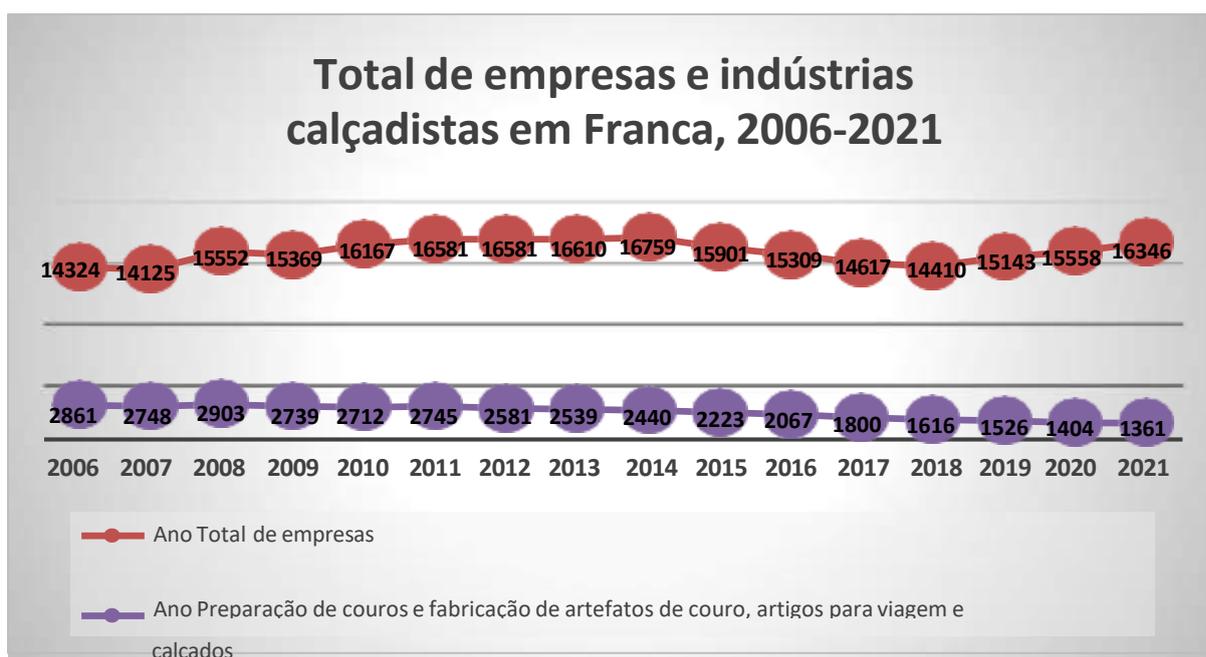
A análise das exportações de calçados e couro revela tendências de flutuação e desafios ao longo do tempo, destacando a importância de monitorar e responder às dinâmicas do mercado global.

#### 4 O DECLÍNIO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA

De acordo com Gráfico 9, com total de indústrias calçadistas em Franca, no período de 2006-2021, observa-se que o município no início da série, em 2006 detinha 2.861 empresas que atuavam na produção de couros, estas representavam 20% das unidades locais em Franca, ou seja, uma forte predominância do setor na economia municipal. Entretanto, nos anos seguintes houve um declínio das empresas desse setor, mesmo com o aumento no número total das empresas no município, por exemplo em 2014, o município contava com o maior número de estabelecimentos na série analisada, 16.759 empresas e destas 14,5% estavam ligadas a indústria calçadista. A queda foi contínua nas empresas calçadistas e em 2021, somente 1361 empresas estão relacionadas a indústria calçadista, isso significa apenas 8,3% do total.

Observa-se que durante a pandemia de COVID-19, nos anos de 2020 e 2021, houve um aumento de unidades locais, mas uma queda nas empresas do setor calçadista.

Gráfico 9 – Total de empresas e indústrias calçadistas em Franca, 2006- 2021



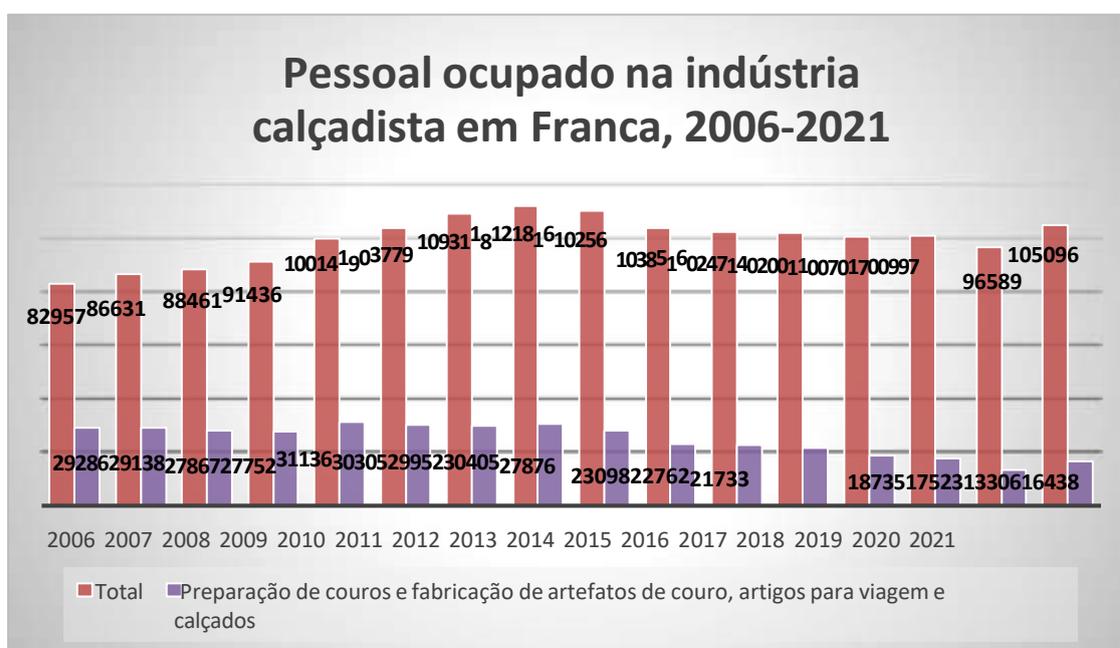
Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, baseado em Cadastro Central de Empresas (IBGE, 2022c).

Conforme Gráfico 10, com o número de pessoal ocupado na indústria calçadista em Franca, no período de 2006-2021, nota-se que no início do período analisado, no ano de 2006, a indústria de calçados tinha elevada participação no número de trabalhadores em relação ao total de trabalhadores industriais no município. Somente nas indústrias de preparação de couro e fabricação de couro, artigos para viagem e calçados somou 29.286 pessoas, ou seja, correspondendo a 35,3% do total das pessoas ocupadas.

No período de 2010 e 2013, houve uma oscilação no número de pessoal ocupado na indústria calçadista, com quedas e crescimento do pessoal ocupado até 2014, quando houve uma queda contínua até 2020, bastante significativa, muito provavelmente pela pandemia da COVID-19, onde contabilizou somente 13.306 pessoas ocupadas no setor, representando apenas 13,8% do total municipal. Entretanto, em 2021 observa-se um aumento no pessoal ocupado, passando para 16.438 e representando 15,6% do total.

Apesar do aumento no número de pessoal ocupado em 2021, a representação no total de pessoas ocupadas é bem inferior ao do início da série analisada. Evidenciando a significativa queda na participação e importância da indústria calçadista nessas duas décadas do século XX.

Gráfico 10 – Pessoal ocupado na indústria calçadista em Franca, 2006-2021

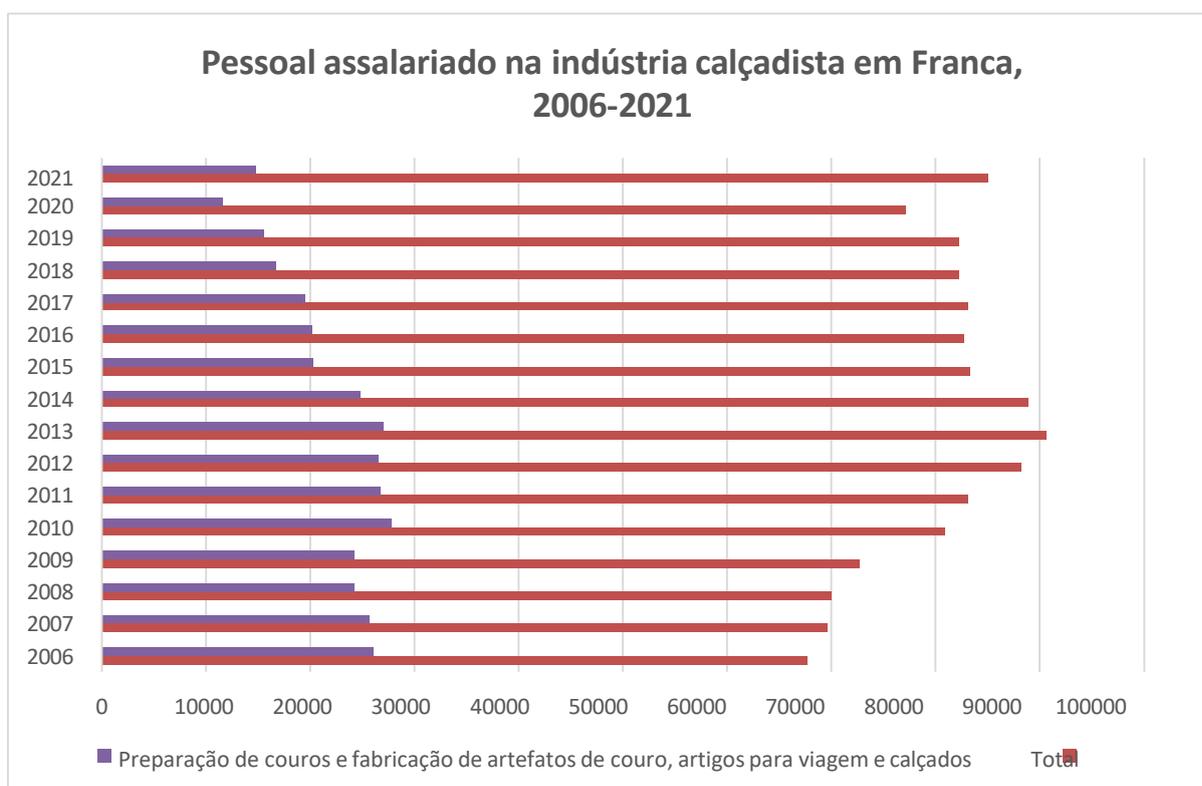


Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, baseado em Cadastro Central de Empresas (IBGE, 2022c).

De acordo com Gráfico 11, com o número de pessoal assalariado na indústria calçadista de Franca, verifica-se o elevado percentual de trabalhador assalariado nesse setor no ano de 2006. Destaca-se uma incidência importante das questões trabalhistas e sindicais bastante presentes nesse setor. Alguns setores da economia apresentam um elevado grau de informalidade, mas na indústria calçadista praticamente 90% do pessoal ocupado é assalariado.

No ano de 2006, 38,5% dos trabalhadores assalariados em Franca eram da indústria calçadista. Em 2020, na pandemia houve uma redução significativa para 15% dos trabalhadores assalariados sendo da indústria calçadista, e em 2021 observa-se uma retomada do setor, com 17,4% dos trabalhadores assalariados sendo da indústria calçadista.

Gráfico 11 – Pessoal assalariado na indústria calçadista em Franca, 2006- 2021



Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, baseado em Cadastro Central de Empresas (IBGE, 2022c).

Conforme Tabela 5 com informações do salário médio municipal e salário da indústria calçadista de Franca, quanto a remuneração dos trabalhadores desse setor, observa-se um remuneração baixa, menor do que a média municipal.

Observa-se na tabela que a média mensal de salários em Franca é de 2,2 salários mínimos, isso leva em consideração todos os setores da economia. Já na

indústria de transformação em 2010 a média era de 1,9 salários mínimos e na de couros e calçados 1,8 salários mínimos, mostrando uma remuneração inferior do setor em relação ao conjunto das atividades do município.

Durante a série, até 2019, ano da pandemia, houve pouca alteração, com a indústria de transformação caindo para 1,8 salário mínimo e a indústria de couro e calçado se mantendo com 1,8. No primeiro ano da pandemia, 2020 houve queda em todos os setores, a indústria calçadista baixou para 1,5 salários mínimos, tendo uma retomada na remuneração em 2021, com 1,7 salários mínimo. Entretanto, as remunerações dos trabalhadores da indústria seguem abaixo da média municipal, que em 2021 é de 2,1.

Tabela 5 – Salário médio mensal na indústria, indústria calçadista e média municipal em Franca, 2010-2021.

<b>Ano</b>	<b>Média geral</b>	<b>Indústrias de transformação</b>	<b>Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados</b>
2010	2,2	1,9	1,8
2011	2,2	1,8	1,8
2012	2,1	1,9	1,8
2013	2,1	1,8	1,8
2014	2,2	1,9	1,8
2015	2,2	1,9	1,8
2016	2,1	1,9	1,8
2017	2,2	1,9	1,8
2018	2,2	1,8	1,8
2019	2,2	1,9	1,8
2020	2	1,6	1,5
2021	2,1	1,8	1,7

Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, baseado em Cadastro Central de Empresas (IBGE, 2022c).

De acordo com Tabela 6, com os dados de admissões e demissões na indústria calçadista de Franca, nota-se que há uma tendência de queda no número de admissões e demissões ao longo dos anos, o que pode indicar uma

redução na atividade econômica do setor calçadista do município. O saldo parcial representa a diferença entre o número de admissões e demissões em cada ano. O saldo total é a soma cumulativa dos saldos parciais ao longo dos anos.

Em 2013, houve um saldo total positivo, indicando um crescimento no número total de empregos. No período de 2014 a 2016 os saldos totais foram negativos, sugerindo uma redução no número de empregos. Entre os anos de 2017 e 2018 houve um aumento significativo no saldo total, indicando uma possível recuperação. Nos anos de 2019 e 2020 os saldos totais foram relativamente estáveis, mas ainda negativos. Em 2021 houve um aumento no saldo total, revertendo a tendência negativa dos anos anteriores. O saldo total positivo em 2021 indica uma possível recuperação do setor calçadista após anos de queda no número de empregos, porém as admissões são bem inferiores a do ano de 2013. .

Os dados sugerem uma dinâmica variada no mercado de trabalho do setor calçadista em Franca, com flutuações anuais no saldo parcial e uma tendência geral de recuperação em 2021 após anos de declínio.

Tabela 6 – Dados Admissões e Demissões em Franca-SP – Setor Calçadista (2013-2021)

<b>Ano</b>	<b>Admissões</b>	<b>Demissões</b>	<b>Saldo Parcial</b>	<b>Saldo Total</b>
2013	25.704	24.828	876	23.419
2014	20.836	23.270	-2.434	20.762
2015	18.143	20.885	-2.742	17.739
2016	15.514	15.896	-382	17.588
2017	13.684	14.192	-508	21.882
2018	12.537	14.676	-2139	14.941
2019	11.550	11.765	-215	14.402
2020	8.530	12.235	-3.705	10.262
2021	10.998	7.799	3.199	13.461

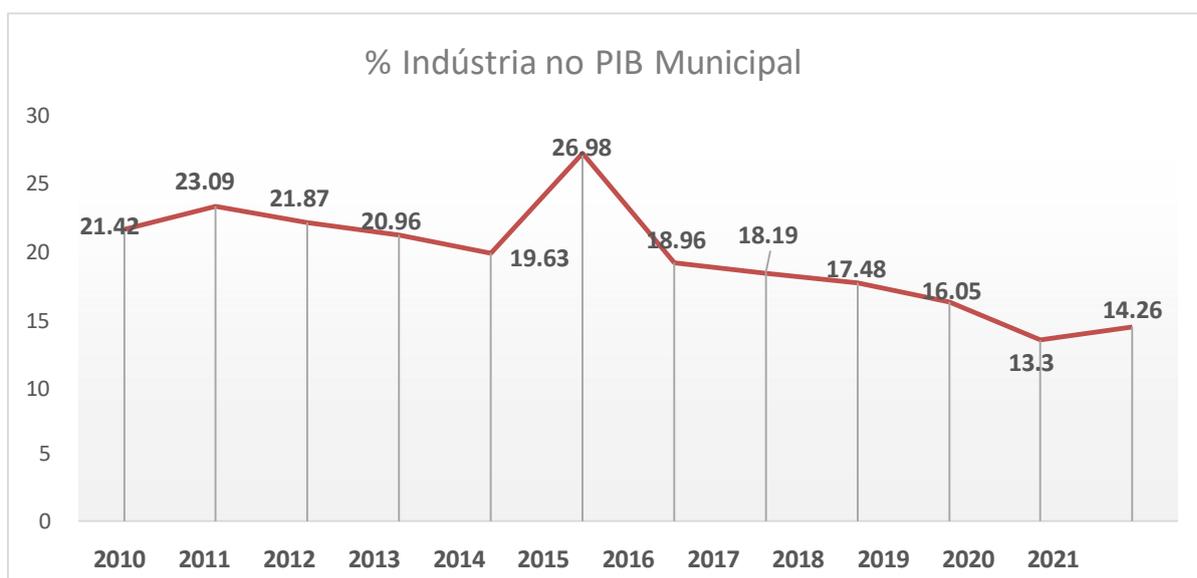
Fonte: CAGED (MTE, 2023).

Conforme Gráfico 12, da participação da indústria calçadista no PIB municipal de Franca, o percentual da indústria no PIB em Franca mostra flutuações significativas ao longo do período 2010-2021.

No início do período (2010-2012), a porcentagem da indústria no PIB oscilava em torno de 20-23%, sugerindo uma contribuição relativamente estável do setor industrial para a economia de Franca. A partir de 2013, observa-se uma tendência de queda na participação da indústria no PIB, com uma redução gradual ao longo dos anos. Em 2015, ocorre um pico, com a porcentagem da indústria atingindo quase 27% do PIB. A partir de 2016, a participação da indústria no PIB volta a diminuir, atingindo valores entre 13% e 18% nos últimos anos do período analisado.

A análise da porcentagem da indústria no PIB em Franca revela tendências de flutuação e queda ao longo do período analisado, destacando o declínio desse setor na participação do PIB municipal.

Gráfico 12 – Porcentagem da Indústria no PIB em Franca, 2010-2021



Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, baseado em Cadastro Central de Empresas (IBGE, 2022c).

De acordo com a Tabela 7, da produção anual de calçados em Franca, observa-se uma tendência de queda da produção anual de calçados durante o período analisado. A produção atingiu seu pico em 2013, com 39,5 milhões de pares, e desde então tem diminuído consistentemente. Existem flutuações anuais na produção, por exemplo, em 2011 e 2012, houve um aumento na produção em relação ao ano anterior, seguido por uma queda em 2013.

A queda na produção ao longo dos anos pode ser atribuída a fatores que foram tratados nesse trabalho, como a competição de países com mão de obra mais barata, mudanças nas preferências dos consumidores, aumento dos custos de

produção e mudanças nas políticas comerciais.

É interessante observar que em 2021 houve um aumento na produção em comparação com 2020, o que pode sugerir uma possível recuperação após o declínio observado nos anos anteriores. No entanto, a produção ainda está significativamente abaixo dos níveis observados em anos anteriores.

A análise da produção anual estimada de calçados em Franca revela uma tendência de queda ao longo do período analisado, destacando a necessidade de abordar os desafios enfrentados pela indústria de calçados e promover a resiliência e o crescimento sustentável no setor. A diminuição na produção de calçados em Franca pode ter implicações significativas para a economia local, incluindo perda de empregos, redução na receita das empresas e impactos negativos no comércio e na indústria relacionada. Pode ser importante para as autoridades locais e os formuladores de políticas desenvolver estratégias para promover a competitividade e a inovação na indústria de calçados, bem como diversificar a economia para reduzir a dependência de um único setor.

Tabela 7 – Produção Anual de Calçados de Franca (em milhões de pares).

Produção Anual Estimada de Calçados de Franca (em milhões de pares)	
<b>Ano</b>	<b>Milhões de Pares</b>
2010	36
2011	37,2
2012	37,8
2013	39,5
2014	37,1
2015	33
2016	30,3
2017	28,9
2018	26,8
2019	24
2020	16,7
2021	18,7

Fonte: Sindfranca (2022).

Conforme da Tabela 8, do Produto Interno Bruto e dos setores da economia em Franca, no período de 2010-2021, verifica-se que, ao longo dos anos, houve um aumento nos valores dos impostos, indicando um possível aumento na carga tributária ou na eficiência da arrecadação.

A contribuição da Agropecuária para o PIB parece variar ao longo dos anos, sem uma tendência clara de crescimento ou declínio. Em alguns anos, como 2014 e 2016, a Agropecuária teve uma contribuição significativa para o PIB, enquanto em outros anos, como 2011 e 2015, sua contribuição foi menor. A Indústria parece ter uma contribuição relativamente estável para o PIB ao longo do período analisado. No entanto, houve um pico em 2015, seguido por uma queda em 2016, e uma recuperação em 2021. O setor de Serviços mostra uma tendência de crescimento consistente ao longo dos anos, contribuindo cada vez mais para o PIB. Esse setor é o principal motor da economia de Franca, mostrando um aumento substancial em sua participação no PIB total. A contribuição da Administração Pública para o PIB parece ter se mantido relativamente estável ao longo dos anos, sem grandes variações.

O PIB total apresenta um crescimento geral durante o período analisado, com exceção de 2016 e 2020, houve um aumento significativo do PIB de 2010 para 2021. A economia de Franca demonstrou um crescimento geral ao longo do período analisado, com todos os setores contribuindo para esse crescimento, especialmente os serviços. O aumento consistente dos serviços sugere uma economia em transição para uma base mais voltada para serviços. O setor Agropecuário, embora variável, ainda desempenha um papel importante em certos anos.

Tabela 8 – Produto Interno Bruto e setores da economia em Franca, 2010-2021

Ano	Impostos	Agropecuária	Indústria	Serviços	Administração Pública	Continua
						PIB Total
2010	595.353	60.979	1.083.655	2.635.361	681.571	<b>5.056.918</b>
2011	686.884	37.715	1.360.845	3.065.622	742.369	<b>5.893.434</b>
2012	824.739	42.877	1.455.011	3.527.275	800.395	<b>6.650.297</b>
2013	796.985	39.690	1.551.218	4.070.132	942.716	<b>7.400.741</b>
2014	797.960	61.393	1.585.890	4.639.489	990.524	<b>8.075.256</b>

Tabela 8 – Produto Interno Bruto e setores da economia em Franca, 2010-2021

Ano	Impostos	Agropecuária	Indústria	Serviços	Administração Pública	Continuação
						PIB Total
2015	806.408	42.447	2.498.492	4.840.979	1.071.931	<b>9.260.257</b>
2016	820.783	75.980	1.688.970	5.211.828	1.105.846	<b>8.903.408</b>
2017	896.952	49.447	1.701.273	5.531.938	1.168.903	<b>9.348.513</b>
2018	101.8301	83.748	1.746.683	5.930.311	1.213.370	<b>9.992.413</b>
2019	998152	74965	1.633.088	6203825	1.261.882	<b>10.171.912</b>
2020	885247	155.201	1.309.906	6.142.949	1.353.824	<b>9.847.127</b>
2021	1.154.851	159.929	1.608.561	6.913.824	1.438.921	<b>11.276.086</b>

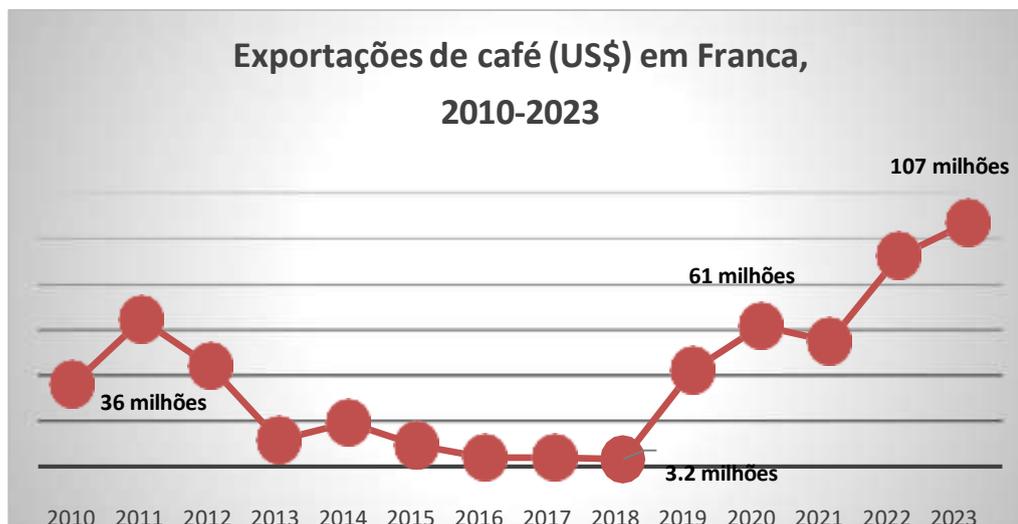
Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, baseado em Cadastro Central de Empresas (IBGE, 2022c).

Conforme Gráfico 13, com a exportação de café no município de Franca, no período de 2010-2023, verifica-se um aumento substancial nas exportações de café, atingindo valores significativamente mais altos em comparação com os anos anteriores.

No período analisado, a exportação de café apresentou flutuações, houve um aumento acentuado nas exportações em 2011, seguido por uma queda significativa nos anos seguintes, mas em 2020 e 2023, observou-se um aumento expressivo nas exportações de café. Apesar das flutuações anuais, há uma tendência geral de variação nas exportações de café ao longo do período analisado.

O setor de café em Franca é uma parte importante da economia local e regional, e as exportações de café desempenham um papel significativo na geração de receita e empregos. Monitorar de perto os fatores que influenciam as exportações de café e desenvolver estratégias para promover a sustentabilidade e competitividade do setor podem ser importantes para o crescimento econômico contínuo de Franca, para que essa produção não sofra no futuro o que a indústria calçadista tem enfrentado.

Gráfico 13 – Exportações de café em Franca, 2010-2023 (US\$).



Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, baseado em COMEX STAT (MDIC, 2023).

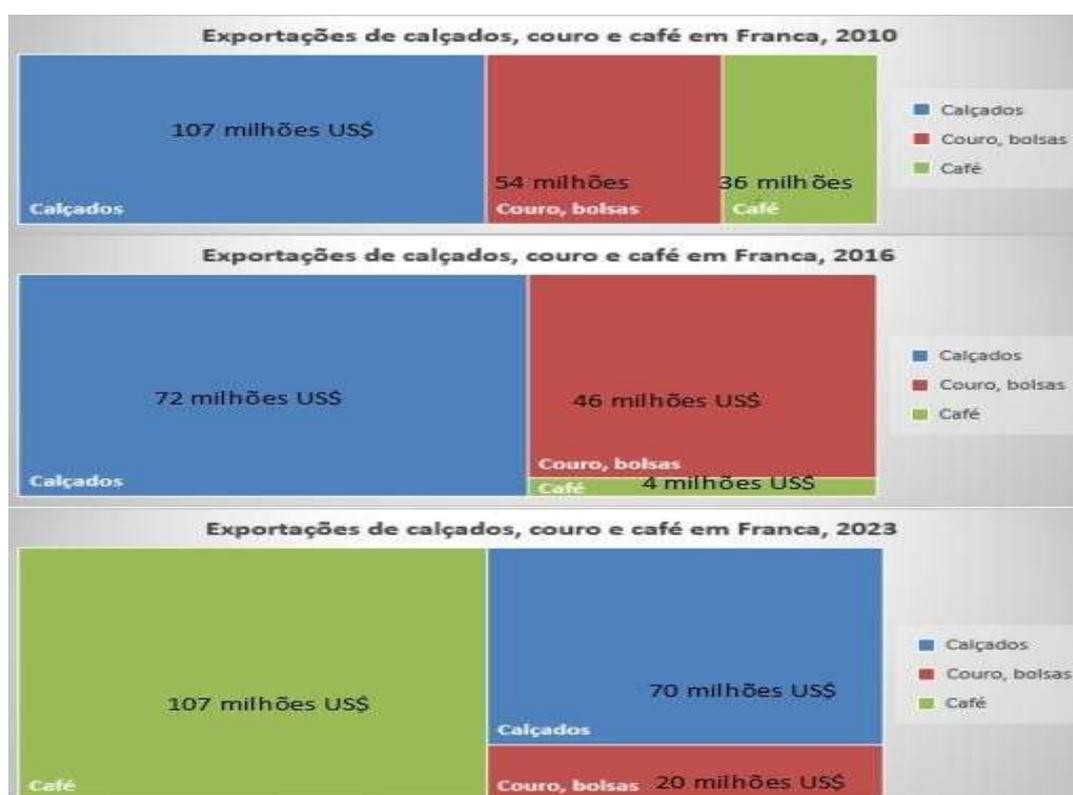
Conforme Gráfico 14, referente aos três principais produtos de exportação do município de Franca, calçados, couro e café, no anos de 2010, 2016 e 2023. Nota-se o quanto as exportações de calçados diminuíram ao longo do período analisado. Em 2010, as exportações de calçados representavam a maior parte das exportações entre os três produtos, com um valor de U\$107 milhões de dólares. No entanto, houve uma queda significativa nas exportações de calçados em 2016, com um valor de apenas U\$72 milhões de dólares. Em 2023, as exportações de calçados permaneceram relativamente estáveis em comparação com 2016, com um valor de U\$70 milhões de dólares, porém o calçado deixou de ser o principal produto de exportação do município.

As exportações de couro/bolsas também mostram flutuações ao longo do período analisado. Em 2010, as exportações de couro/bolsas totalizaram U\$54 milhões de dólares. Houve um aumento percentual nas exportações de couro/bolsas em 2016, atingindo U\$46 milhões de dólares, porém o valor de exportação foi inferior ao registrado em 2010. Em 2023, houve uma queda nas exportações de couro/bolsas para U\$20 milhões de dólares.

As exportações de café mostram uma tendência distinta em comparação com as exportações de calçados e couro/bolsas. Em 2010, as exportações de café foram relativamente baixas em comparação com os outros produtos, totalizando U\$36 milhões de dólares. No entanto, houve um aumento significativo nas exportações de café em 2023, atingindo U\$107 milhões de dólares.

Em 2010, as exportações de calçados representavam a maior parte das exportações totais, seguidas pelas exportações de couro/bolsas e café. Em 2016, houve uma diminuição nas exportações de calçados e couro/bolsas, enquanto as exportações de café permaneceram relativamente estáveis. Em 2023, as exportações de café ultrapassaram as exportações de calçados e couro/bolsas, tornando-se o produto mais significativo em termos de valor exportado.

Gráfico 14 – Comparação das exportações de calçados, couro e café em Franca, 2010-2016-2023



Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, baseado em COMEX STAT (MDIC, 2023).

De acordo com Gráfico 15, com a exportação dos principais produtos do município por ano, durante o período de 2010-2013, evidencia que as exportações totais do município apresentam flutuações ao longo do período analisado, mas há uma tendência geral de variação. As exportações totais atingiram seu pico em 2022, com um valor de U\$219.111.999 dólares, e mostraram uma leve queda em 2023 para U\$218.278.354 dólares. O período entre 2016 e 2021 mostra uma tendência de crescimento nas exportações totais, refletindo a recuperação da economia após a crise financeira global e possivelmente uma maior demanda por produtos brasileiros no mercado internacional.

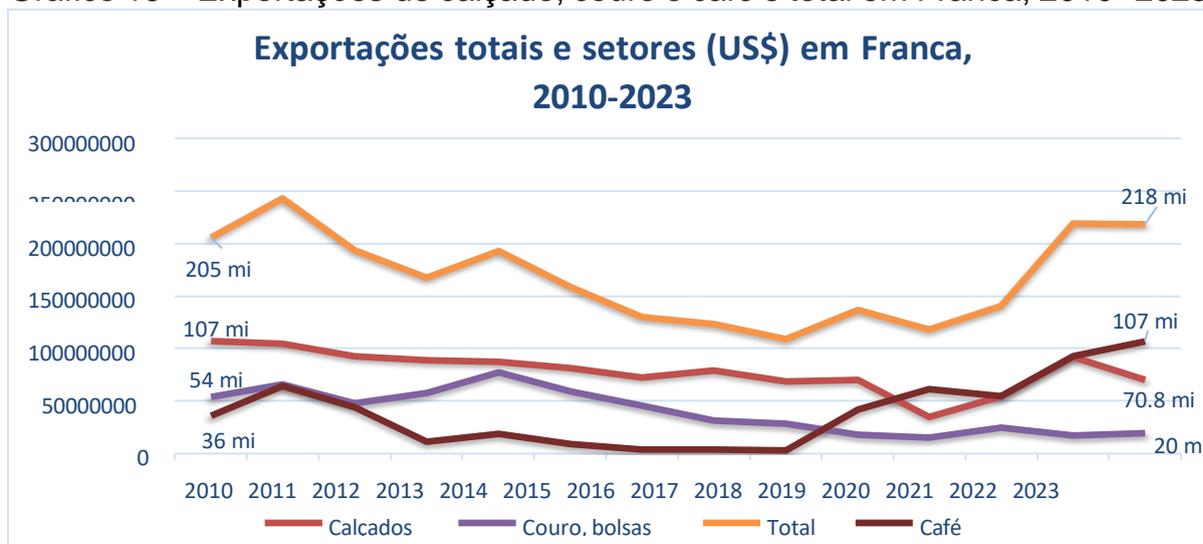
As exportações de calçados mostram flutuações ao longo dos anos, mas há uma tendência geral de variação. O setor de calçados é significativo para as exportações totais, representando uma parte considerável do valor total exportado pelo município, porém houve uma queda nas exportações de calçados em alguns anos, como em 2016 e 2017, seguida por uma recuperação nos anos seguintes, com queda em 2020 e 2022.

As exportações de couro e bolsas também mostram flutuações ao longo do período analisado, refletindo possíveis variações na demanda e na produção. Esse setor contribui substancialmente para as exportações totais, embora em menor escala do que o setor de calçados e sendo ultrapassado pelo café no ano de 2018.

As exportações de café são significativas para as exportações totais de Franca, embora no início do período analisado representava um menor valor em comparação com os setores de calçados e couro/bolsas, nos últimos ano demonstrou crescimento. As exportações de café mostram flutuações anuais, mas há uma tendência de aumento ao longo dos anos, com um pico em 2023, tornando-se o principal produto de exportação de Franca.

O desempenho das exportações totais e por setor em Franca reflete a dinâmica econômica e comercial do município, destacando a importância dos setores de calçados, couro/bolsas e café para a economia local e regional e evidenciando um novo cenário econômico.

Gráfico 15 – Exportações de calçado, couro e café e total em Franca, 2010- 2023



Fonte: Elaborado por Mateus Francisco Lopes, baseado em COMEX STAT (MDIC, 2023).

De acordo com Mapa 3, apresenta-se os destinos das exportações de



É crucial para as empresas do município monitorar de perto as tendências do mercado global, entender as preferências dos consumidores e responder de forma ágil às mudanças nas condições do mercado. A adaptação às necessidades e demandas dos diferentes mercados pode ajudar a garantir a competitividade e o crescimento contínuo das exportações do município. Também se faz necessário políticas públicas que proporcionem dinamismo industrial.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que o declínio na participação da indústria calçadista tem implicações significativas para a economia local de Franca. Além dos impactos diretos sobre o emprego e a renda dos trabalhadores do setor, a redução da atividade industrial pode afetar toda a cadeia produtiva, incluindo fornecedores, distribuidores e serviços relacionados.

Ao observar o declínio no número de estabelecimentos industriais calçadistas, evidenciado pela diminuição da participação desse setor no total de indústrias do município de Franca, percebe-se uma tendência preocupante. Em 2010, a indústria de calçados representava 17% das indústrias municipais, porém, em 2021, esse número diminuiu para apenas 8%, indicando uma significativa redução no número de indústrias calçadistas na região.

Ao mesmo tempo, ao analisar o número de pessoal ocupado na indústria calçadista, é possível observar flutuações ao longo dos anos, especialmente acentuadas durante ano de 2020. No entanto, em 2021, houve um aumento no número de pessoal ocupado, indicando uma possível recuperação do setor, embora ainda inferior aos números do início da série analisada. Essa retomada, porém, não é suficiente para recuperar a representatividade que a indústria calçadista tinha anteriormente na economia municipal.

Além disso, é importante ressaltar a questão salarial dentro da indústria calçadista, onde se observa uma remuneração inferior à média municipal ao longo dos anos. Essa disparidade salarial pode ter impactos significativos na qualidade de vida dos trabalhadores e na economia local como um todo.

No que diz respeito à produção de calçados, verifica-se uma tendência de queda ao longo do período analisado, com alguns picos e quedas ao longo do caminho. Essa diminuição na produção tem implicações sérias para a economia local, incluindo perda de empregos e redução na receita das empresas.

No entanto, apesar dos desafios enfrentados pela indústria calçadista, o crescimento das exportações de café em Franca surge como um ponto positivo. As exportações de café têm mostrado uma tendência de aumento ao longo dos anos, tornando-se o principal produto de exportação do município em termos de valor.

Finalmente, a diversificação dos destinos das exportações de Franca indica

uma estratégia promissora para mitigar os riscos associados à dependência de um único mercado. A presença de uma ampla gama de países como destinos das exportações do município sugere oportunidades para expandir ainda mais a presença dos produtos francanos nos mercados internacionais

Em suma, para promover o crescimento e a competitividade da indústria calçadista em Franca, é essencial desenvolver políticas públicas que incentivem o dinamismo industrial, além de estratégias de marketing e parcerias comerciais que explorem novos mercados e respondam às demandas globais em constante evolução.

## REFERÊNCIAS

ABICALÇADOS. **Relatório setorial: indústria de calçados do Brasil 2020**. Novo Hamburgo, 2020.

ABICALÇADOS. **Resenha Estatística (1990 – 2008)**. Novo Hamburgo, 2009. Disponível em: <https://www.abicalcados.com.br/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

ANDRADE, J. E. P.; CORRÊA, A. R. Panorama da indústria mundial de calçados, com ênfase na América Latina. Rio de Janeiro: BNDES, mar. 2001. p. 96-126. Disponível em: [https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/2724/1/BS%2013%20Panorama%20da%20ind%20c3%20b%20astria%20mundial\\_P.pdf](https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/2724/1/BS%2013%20Panorama%20da%20ind%20c3%20b%20astria%20mundial_P.pdf). Acesso em: 18 dez. 2023.

BARBOSA, A. S. **Política e modernização em Franca: 1945-1964**. Franca: Ed. Unesp, 1998.

BARBOSA, A. S. Empresário e capital na indústria do calçado de Franca (1920 - 2000). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 5.; CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS, 6., 2003, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ABPHE, 2003. p. 1-26, 2003. Disponível em: [https://www.abphe.org.br/arquivos/2003\\_agaldo\\_barbosa\\_empresario-e-capital-na-industria-do-calcado-de-franca\\_sp-1920\\_2000.pdf](https://www.abphe.org.br/arquivos/2003_agaldo_barbosa_empresario-e-capital-na-industria-do-calcado-de-franca_sp-1920_2000.pdf). Acesso em: 18 dez. 2023

BARBOSA, A. S. **Empresário fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria de Calçado (Franca 1920 – 1990)**. 2004. 285 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2004.

BARBOSA, A. S. **Empresariado fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920-1990)**. São Paulo: HUCITEC, 2006. (Economia & planejamento: série teses e pesquisas, v. 41).

BARBOSA, A. S. Empresários de “pés descalços”: reflexões sobre a formação sociocultural do empresariado no pólo industrial de Franca-SP. **Revista de Desenvolvimento Econômico**: RDE, Salvador, v. 14, n. 26, p. 66-73, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1899/1776>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BARBOSA, A. S. **Atuação pública e promoção da eficiência coletiva em arranjos produtivos locais: a experiência do polo industrial de Franca-SP**. São Paulo: Ed. UNESP, 2016. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/fm24q/pdf/barbosa-9788568334768.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BARBOSA, A. S.; BARBOSA, N. T. M. A indústria de calçado de Franca: trajetória histórica. *In: Regulamento de uso da indicação de procedência: calçados de Franca: a capital do calçado*. Franca, 2010. (Caderno de Especificações Técnicas das indicações geográficas reconhecidas pelo INPI. Disponível em: [https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/indicacoes-geograficas/arquivos/cadernos-de-especificacoes-tecnicas/copy\\_of\\_Franca.pdf](https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/indicacoes-geograficas/arquivos/cadernos-de-especificacoes-tecnicas/copy_of_Franca.pdf). Acesso em: 18 dez. 2023.

BELLUZZO, L. G. As novas condições do desenvolvimento. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, mars, 2014. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/as-novas-condicoes-do-desenvolvimento/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BENKO, G. **Economia espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

BENTIVOGLIO, J. C. Terra urbana e urbanização no século XIX. **Estudos de História**, Franca, v. 5, n. 2, p. 45-66, 1996.

BENTIVOGLIO, J. C. **Os dois corpos da Cidade: a constituição do espaço urbano de Franca no Século XIX**. 1997. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1997.

BONELLI, R. **Industrialização e desenvolvimento** (notas e conjecturas com foco na experiência do Brasil). Texto preparado para o Seminário “Industrialização, Desindustrialização e Desenvolvimento”, patrocinado pela FIESP — Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e pelo IEDI — Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial. São Paulo, SP, 28 nov. 2005. (Mimeo).

BRAGA FILHO, H. **Globalização em Franca: a reorganização industrial e economia informal**. 2000. 267 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro Universitário de Franca, Franca, 2000.

BRESSER-PEREIRA, L. C. O novo-desenvolvimentismo e a ortodoxia convencional. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 5-24, jul./set. 2006. Disponível em: [https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/bresser\\_-\\_novo\\_desenvolvimento\\_e\\_a\\_ortodoxia.pdf](https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/bresser_-_novo_desenvolvimento_e_a_ortodoxia.pdf). Acesso em: 18 dez. 2023.

BRESSER-PEREIRA, L. C. A doença holandesa e sua neutralização: uma abordagem Ricardiana. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 47-71, jan./mar. 2008a. Disponível em: <http://brazilianjournalofpoliticaleconomy.org.centrodeeeconomiapolitica.org/index.php/journal/article/view/513/2016>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BRESSER-PEREIRA, L. C. **Crescimento e desenvolvimento econômico**. [São Paulo], 2008b. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5325292/mod\\_resource/content/1/Crescimen toDesenvolvimento.Bresser%20Pereira.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5325292/mod_resource/content/1/Crescimen toDesenvolvimento.Bresser%20Pereira.pdf). Acesso em: 18 dez. 2023.

BRESSER-PEREIRA, L. C. **Getúlio Vargas: o estadista, a nação e a democracia**. São Paulo, jun. 2009. (Escola de Economia de São Paulo, textos para discussão, n. 191). Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/5d6194a7-4940-4de3-a7b6-8e6cd9e4e871/content>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Desprotecionismo e desindustrialização. **Valor Econômico**, São Paulo, 29 mar. 2012a. Disponível em: <https://valor.globo.com/opiniao/coluna/desprotecionismo-e-desindustrializacao.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BRESSER-PEREIRA, L. C. A taxa de câmbio no centro da teoria do desenvolvimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 7-28, 2012b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/39481/42365>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BRESSER-PEREIRA, L. C. 40 anos de desindustrialização. **Jornal dos Economistas**, Rio de Janeiro, jun. 2019. Disponível em: <https://bresserpereira.org.br/articles/2019/278-40-anos-desindustrializacao-J.Economista-FOR.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

CANO, W. A desindustrialização no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. esp., p. 831-851, dez. 2012. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3235/07%20Economia%20e%20Sociedade%20Especial%20Artigo%205.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

CANÔAS, J. W. **Nas pegadas dos sapateiros: os Sindicatos de Franca**, SP. Franca: Ed. Unesp, 1993.

CARNEIRO, R. Globalização e inconversibilidade monetária. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 539-556, out./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/PmRyxjQ45MyHDMRCmSGm4sh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2023.

CHIACHIRI FILHO, J. **Do sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. Ribeirão Preto: Ribeirão Gráfica e Editora, 1986.

COLOMBO, A. O.; FELIPE, E. S.; SAMPAIO, D. A desindustrialização no Brasil: um processo, várias vertentes. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO KEYNESIANA BRASILEIRA, 12., Campinas, 2019. **Anais** [...]. Campinas (SP) IE-UNICAMP, 2019. p. 1-20. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/anais/172464.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

CONSIDERA, C.; KELLY, I.; TRECE, J. O declínio da indústria brasileira de 1990 a 2019: produtividade por gênero da indústria e por seus autônomos. **Blog do IBRE**, São Paulo, 21 jun 2022. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/o-declinio-da-industria-brasileira-de-1990-2019-produtividade-por-genero-da-industria-e-por>. Acesso em: 18 dez. 2023.

CONSTANZI, R. N. **Distribuição espacial da indústria de calçados no Brasil no século XX**. 1999. 219 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

CORONEL, D. A. **Impactos da política de desenvolvimento produtivo na economia brasileira**. Curitiba: Prismas, 2013.

CORONEL, D. A. **Análise do processo de desindustrialização na região Sul do Brasil**: uma abordagem por meio de econometria de séries temporais. Monografia (Especialização em Estatística e Modelagem Quantitativa) - Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19512/TCCE\\_EMQ\\_2019\\_CORONEL\\_DANIEL.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19512/TCCE_EMQ_2019_CORONEL_DANIEL.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 18 dez. 2023.

COSTA, A. B. A trajetória competitiva da indústria de calçados do Vale do Sinos. *In*: COSTA, A. B.; PASSOS, M. C. (org.). **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo-RS: Ed. UNISINOS, 2004.

COUTINHO, L. Desenvolvimento, instituições e atores sociais. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 9, p. 406-419, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/238>. Acesso em: 18 dez. 2023.

COUTINHO, L. G.; FERRAZ, J. C. (coord.). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Brasília, DF: Ministério da Ciência e Tecnologia, 1993. Disponível em: <https://www.bibliotecaagptea.org.br/administracao/agroindustria/livros/ESTUDO%20DA%20COMPETITIVIDADE%20DA%20INDUSTRIA%20BRASILEIRA.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

DINIZ, C. C. **Expansão asiática, corrida científica e tecnológica mundial, desindustrialização no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, set. 2017. (Texto para discussão, n. 565). Disponível em: <https://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20565.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

DRUCK, M. G. **Terceirização: (des)fordizando a fábrica – um estudo do Complexo Petroquímico**. Salvador: EDUFBA, 1999.

ESRI. **Environmental System Research**. California, USA: Redlands, 2010.

FALEIROS, R. N. **Homens do café**: Franca: 1880-1920. 2002. 228 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <https://www.abphe.org.br/uploads/Banco%20de%20Teses/homens-do-cafe-franca-1880-1920.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

FERRAZ, J. C.; MARQUES, F. S.; ALVES JÚNIOR, A. J. Contribuição do BNDES para a política industrial brasileira: 2003-2014. *In*: DE TONI, J. (org.). **Dez anos de política industrial: balanços e perspectivas (2004- 2014)**. Brasília, DF: ABDI, 2015. v. 1. p. 61-91.

FERREIRA, M. **O espaço edificado e a indústria de calçados em Franca**. 1989. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Engenharia, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1989.

FERREIRA, V. G. **Homens do crédito: o fabricante da Igreja e a acumulação em Franca (1880-1929)**. 2005. 207 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2005.

FERREIRA, P. C.; ROSSI, J. L. Trade barriers and productivity growth: cross-industry evidence. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 27., 1999, Belém. **Anais [...]**. Belém: ANPEC, 1999. p. 1383-1406.

FERREIRA, R. R.; BRAGA FILHO, H. Efeitos do Plano Real na indústria calçadista de Franca. **Revista Eletrônica de Debates em Economia**, Franca, v. 1, n. 1, p. 166-258, 2012.

FOLLIS, F. **Estação: o bairro-centro**. Franca: Prefeitura Municipal / Fundação Municipal Mário de Andrade, 1998.

FOLLIS, F. **Cidade e cidadania: Franca (1890-1996)**. 2007. 212 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/1eb6d831-bdeb-49a2-acc6-af08b9ab01d9/content>. Acesso em: 18 dez. 2023.

FURTADO, C. **Análise do modelo brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

FURTADO, C. **Prefácio à nova economia política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GAETA, M. A. J. V. **A flor do café e o caldo da cana**. Igaraparáva; Fundação Sinhá Junqueira, 1997.

GARCIA, R. A. G. **Migrantes mineiros em Franca: memória e trabalho na cidade industrial (1960 – 1980)**. Franca, SP: UNESP/FHDSS, 1997.

GIOMETTI, A. B. R. *et al.* Franca: a relação entre a expansão urbana e a consolidação do parque industrial. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 16, n. 1, p. 28-57, 2007. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/87>. Acesso em: 18 dez. 2023.

GOMES, M. T. S. O debate sobre a reestruturação produtiva no Brasil. **RAEGA**: o espaço geográfico em análise, Curitiba, n. 21, p. 51-77, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/21231/13995>. Acesso em: 18 dez. 2023.

GORINI, A. P. F. *et al.* **A indústria calçadista de Franca**: área de operações industriais. Brasília, DF: BNDES, 2000.

GORINI, A. P. F.; CORRÊA, A. R. **A Indústria calçadista de Franca**. Rio de Janeiro: BNDES, dez. 2000. (Relato Setorial, 7/2000).

HIRATUKA, C.; SARTI, F. Transformações na estrutura produtiva global, desindustrialização e desenvolvimento industrial no Brasil. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 189-207, 2017. Disponível em: <https://acervo.enap.gov.br/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=51789>. Acesso em: 19 dez. 2023.

IBGE. **Geociências**: posicionamento geodésico: SIRGAS. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-sobre-posicionamento-geodesico/sirgas.html>. Acesso em: dez. 2023.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html>. Acesso em: dez. 2023.

IBGE. **Estatísticas**: sociais: trabalho: censo demográfico. Rio de Janeiro, 2022a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: dez. 2023.

IBGE. **Estatística**: econômicas: contas nacionais: SCR-Sistema de Contas Regionais. Rio de Janeiro, 2022b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9054-contas-regionais-do-brasil.html>. Acesso em: set. 2023.

IBGE. **Cadastro Central de Empresas**: território. Rio de Janeiro, 2022c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/territorio>. Acesso em: 18 dez. 2023.

IBGE. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>. Acesso em: dez. 2023.

KAGEYAMA, A. A. **Crise e estrutura agrária**: a agricultura paulista na década de 30. 1979. 159 f. Dissertação (Mestrado em Economia), Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1979.

LAPLANE, M. Indústria e desenvolvimento no Brasil no século XXI. **Economia e Tecnologia**, Curitiba, ano 2, v. 2, p. 5-16, jul./set. 2006.

LAPLANE, M. A indústria ainda é o motor do crescimento? Teoria e evidências. *In*: DE TONI, J. (org.). **Dez anos de política industrial**: balanços e perspectivas (2004- 2014). Brasília, DF: ABDI, 2015. v. 1. p. 23-37.

MARCONDES, R. L. O café em Ribeirão Preto (1890-1940). **História Econômica & História de Empresas**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 171-192, 2007. Disponível em: <https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/571>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MARCONI, N. A doença holandesa e o valor da taxa de câmbio. *In*: OREIRO, J. L.; DE PAULA, L. F.; MARCONI, N. (org.). **A teoria econômica na obra de Bresser-Pereira**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2015.

MDIC. **COMEX STAT**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/h>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MENDES, A. A. **Reestruturações locais como efeitos da globalização econômica**: uma análise da estrutura produtiva mutante do pólo têxtil de Americana-SP. 1997. 194 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 1997.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec : Polis, 1984.

MTE. **Portal CAGED**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://caged.mte.gov.br/portalcaged/paginas/home/home.xhtml>. Acesso em: 18 dez. 2023.

NAVARRO, V. L. A origem da indústria de calçados de couro em Franca, SP. **Estudos de História**, Franca, v. 6, n. 1, p. 37-53, jun. 1999.

NAVARRO, V. L. **Trabalho e trabalhadores do calçado**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

OLIVEIRA, L. L. **Economia e História**: Franca século XIX. Franca: UNESP : Amazonas S/A, 1997.

OLIVEIRA, W. A. **Política de saúde pública**: o município de Franca na Primeira República (1889 – 1930). 1999. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1999.

OREIRO, J. L. **Macroeconomia do desenvolvimento**: uma perspectiva keynesiana. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

OREIRO, J. L.; FEIJÓ, C. A. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 219-232, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/rLLpcPDRQVXPj5BskzHqLqx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2023.

PEREIRA, W. D. **A evolução do parque industrial calçadista francano**. 2005. 116 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2005.

PEREIRA JÚNIOR, E. Globalização e reestruturação da indústria de calçados no Brasil. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE: a diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação*, 11., 2015, Presidente Prudente. **Anais** [...]. Presidente Prudente: ANPEGE, 2015a. p. 4798-4810.

PEREIRA JÚNIOR, E. A indústria de calçados no Brasil diante da reestruturação territorial e produtiva. *In: SPOSITO, E. S. (org.). O novo mapa da indústria no início do século XXI: diferentes paradigmas para leitura das dinâmicas territoriais do estado de São Paulo*. São Paulo: Ed. Unesp Digital, 2015b. p. 153-200.

PEREIRA JÚNIOR, E. O debate sobre a desindustrialização no Brasil: abordagens concorrentes e um olhar a partir da geografia. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 39, p. 1-20, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/56942/33344>. Acesso em: 18 dez. 2023.

POCHMANN, M. **Brasil sem industrialização: a herança renunciada**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2016

PRADO JUNIOR, C. **História econômica do Brasil**. 40. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

REIS, C. N. **A indústria brasileira de calçados: inserção internacional e dinâmica interna nos anos 80**. 1994. 266 p. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994. Disponível em: <https://www.abphe.org.br/uploads/Banco%20de%20Teses/a-industria-brasileira-de-calcados-insercao-internacional-e-dinamica-interna-nos-anos-80.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

REZENDE, V. D. **Tempo, trabalho e conflito social no complexo coureiro calçadista de Franca –SP (1950-1980)**. 2012. 383 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/846015>. Acesso em: 18 dez. 2023.

RIBEIRO, M. C. M. Franca: contribuição ao estudo dos centros urbanos brasileiros. **Revista do Arquivo Público Municipal**, São Paulo, v. 77, p. 137-156, jun./jul. 1941.

RICUPERO, R. Desindustrialização precoce: futuro ou presente do Brasil? **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 6 mar. 2014. <https://diplomatique.org.br/desindustrializacao-precoce-futuro-ou-presente-do-brasil/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

RINALDI, D. C. **A indústria curtumeira em Franca: relatório trienal**. Franca: Unesp, 1987.

ROWTHORN, R.; RAMASWANY, R. Growth, trade and deindustrialization. **IMF Staff Papers**, Washington, DC, v. 46, n. 1, p. 18-41, 1999. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/staffp/1999/03-99/pdf/rowthorn.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

SEBRAE. INPI. **Indicações geográficas**. 5. ed. Brasília, DF, 2016. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/f2dd6c8eac9accc07ac0f3fe6de5e173/\\$File/7524.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/f2dd6c8eac9accc07ac0f3fe6de5e173/$File/7524.pdf). Acesso em: 18 dez. 2023.

SILVA, S. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa Omega, 1976.

SINDIFRANCA. **Resenha Estatística**. Franca: NICC, dez. 2006.

SINDIFRANCA. **Resenha Estatística**. Franca: NICC, dez. 2010.

SINDIFRANCA. **Resenha Estatística**. Franca: NICC, dez. 2022.

SUZIGAN, W. **Sistemas produtivos locais no estado de São Paulo: o caso da indústria de calçados de Franca**. Relatório de pesquisa. Campinas, dez. 2000.

TEODORO, R. S. **O crédito no mundo dos senhores do café: Franca 1885-1914**. 2006. 263 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

TOSI, P. G. **Capitais no interior: Franca e a história da Indústria coureiro-calçadista (1860–1945)**. 1998. 276 f. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

TOSI, P. G.; FALEIROS, R. N.; TEODORO, R. S. Fragmentos de um modelo: pequenas lavouras de café e acumulação de capitais. **História**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 291-327, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/QvP3M55bxw6X4pQJ799jFmJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2023.

TOSI, P. G.; FALEIROS, R. N.; TEODORO, R. S. Crédito e pequena cafeicultura no Oeste Paulista: Franca/SP 1890-1914. **RBE**, Rio de Janeiro, v. 61, n.3, p. 405-426, jul./set. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbe/a/FJq7BYPHBDwMXFkx5D539rx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2023.

TREGENNA, F. **Manufacturing productivity, deindustrialization and reindustrialization**. Helsinque: UNU-WIDER, sept. 2011. ( Working Paper, n. 2011/57). Disponível em: <https://www.wider.unu.edu/sites/default/files/wp2011-057.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.